

A seguir apresentamos entrevistas com os docentes das áreas de Letras e Artes que solícitamente atenderam ao convite e responderam, via correio eletrônico, as questões encaminhadas pela equipe de pesquisadores da Pós-graduação em Educação da PUC-Campinas. As entrevistas foram transcritas na íntegra, permitindo aos leitores uma visão completa da riqueza dos depoimentos.

QUESTÃO 1 – Considerando-se as grandes mudanças que têm lugar no mundo e no momento atual, quais seriam as qualidades básicas, indispensáveis, que deveriam estar presentes no perfil do profissional formado no seu Curso ou Área?

ENTREVISTADO 1 (Área de Letras)

R: O profissional da área de Letras, seja ele professor, revisor, tradutor, pesquisador, assessor lingüístico etc, deve ser comprometido com a atualização constante, ter curiosidade diante do novo, ser interessado em leitura de textos, tanto os específicos da área, quanto os de conhecimento de mundo, como meio de autonomia intelectual e crítica, expressar-se (ao menos por escrito) de acordo com a norma culta, ser organizado, ser capaz de relacionar conteúdos apreendidos a situações práticas da profissão e enfrentar os desafios da realidade em que atua.

No caso mais específico do profissional da educação (professor), deve ser capaz de preparar material didático e bibliográfico, sempre atualizado, bem como adaptar-se a situações do local de trabalho e perceber as reais necessidades de seus alunos. Deve, ainda, desempenhar papel de multiplicador e construtor do conhecimento e cultivar valores humanísticos para assumir a responsabilidade de lidar com os jovens, dada a importância de sua atuação. A educação é a única saída para o desenvolvimento harmonioso das sociedades, para que elas sejam mais justas e democráticas. A sociedade, em geral, ignora a essência do trabalho docente e a responsabilidade do professor – diga-se isso a respeito de todos os cursos de Licenciatura –, bem como a importância da Educação como esteio do sucesso em outras áreas sociais: Saúde, Trabalho etc. Em resumo, o profissional de Letras deve ter competência, didática (o professor), equilíbrio e sensibilidade para atuar em um mercado competitivo e em constante movimento, na sociedade atual, em que os valores não têm sido discutidos em muitos dos espaços sociais.



Entrevistas

ENTREVISTADO 2 (Área de Artes)

R: Creio que todo profissional de qualquer área deverá ter as qualidades básicas em que a sensibilidade, o humanismo, a criatividade e a diversidade fazem parte de sua vida, que estejam presentes, que tenha consciência da sua importância social como profissional. Passamos por grandes mudanças, por revoluções industriais, sempre priorizando o cognitivo, a razão, o instrumento e a tecnologia, esquecendo da formação do homem como um todo, um homem universal, onde a razão e o sentimento estejam sempre presentes. Com autonomia intelectual e criativa, proporcionando assim meios para o entendimento do seu momento histórico particular e universal em que cada pessoa se insere, dando-lhe subsídios para criar na prática a melhor forma de viver sua realidade e superar as próprias limitações.

ENTREVISTADO 3 (Área de Artes)

R: As grandes mudanças que tem atingido o mundo não tem deixado a salvo os artistas plásticos, área do ensino na qual se concentra minha atuação como professor e pesquisador. As correntes artísticas que pregam o uso da tecnologia na construção da obra de arte têm exigido deste profissional um conhecimento científico muitas vezes por ele desconhecido. De outra forma, mas ainda assim de modo relevante, a arte dita conceitual, aquela na qual a reflexão filosófica é o fio condutor da reflexão formal, também tem exigido do artista visual capacitações que muitas vezes ele não tem. Penso que uma qualidade básica necessária à formação deste profissional seja a autonomia na busca do conhecimento de forma interdisciplinar, ou seja, que este possa se constituir como um erudito na concepção contemporânea do termo. A partir desse pressuposto o profissional da área de artes teria melhores condições de responder as mudanças que atingem sua especialidade com um trabalho rigoroso e de maior legitimidade social.

ENTREVISTADO 4 (Área de Artes)

R: Uma formação ampla, que englobasse conhecimentos em diferentes áreas – e não apenas na área artística – bem como um repertório

cultural sólido e amplo, construído através do contato direto com as diferentes formas de expressão artística.

ENTREVISTADO 5 (Área de Artes)

R: Arte como produção sensível dirigida para o sentido do humano, como fenômeno humano é uma decorrência de manifestações poéticas profundas, se entendermos por poética a vocação, o chamado interior, a passagem de um não-ser para um vir-a-ser e um devir. Portanto, num primeiro momento, poderíamos entender arte como comportamento desinteressado, livre, bela arte, arte do belo, do bem em si. Nessa mesma direção poderíamos fazer uma consideração às técnicas, se entendermos por técnica o pressuposto do conhecimento, e experimentação consciente dos meios materiais. No conhecimento defrontam-se consciência e objeto, sujeito e objeto. Ainda na mesma direção, acrescentaria as práxis artísticas como ações que se justificam por elas mesmas. Imagino que a interação desses três momentos, ou seja, a poética, a técnica e a práxis poderão definir o que entenderemos por uma “operação poética”, isto é, a tentativa de nos aproximarmos de um fazer arte que produz obra, obra de arte, quando esta se manifesta em sua forma concreta.

Sobre esta primeira questão, quais seriam as qualidades básicas?

No meu entender, a consciência da importância de uma consideração maior aos fundamentos e aos princípios básicos norteadores de um projeto desta natureza.

ENTREVISTADO 6 (Área de Letras)

R: No Curso de Letras da PUC/SP priorizamos a formação integral do aluno que está vinculada ao desenvolvimento de competências vinculadas às suas opções específicas (no caso das línguas estrangeiras) e de sua consciência crítica através de eixos de formação relacionados à cidadania, formação humanística.

ENTREVISTADO 7 (Área de Artes)

R: Que seja dotado de um sentido de humanidade, dimensão humana, que tenha prazer em ver os outros crescerem, respeitando-lhes o momento em que se encontram e o tempo necessário para o desenvolvimento de cada um. Que dentro e fora da sala de aula o professor seja a mesma pessoa, carregando vida e arte como experiência afetiva única indivisível. Viver a vida com arte traz, qualidade de vida “o estético “deve estar presente no aqui-agora, é alimento espiri-tual – o ser tem fome do espiritual – *fome física e espiritual* devem ser indivisíveis como sagrado-profano juntos. Deve ter experiência de própria expressão como atividade cotidiana, com um auto-conhecimento de arte-vida, num auto-exercício de liberdade. Deve ter conhecimento profundo de sua especialidade nunca isolando-a da memória histórica cultural e do momento “aqui” em que ela é tratada, não desvinculan-do-a da vivência do próprio artista professor, pois é o seu exemplo, ético de conduta que conta como experiência a ser observada. Deve ter a naturalidade do exercício sábio da COMPAIXÃO, por a arte a envolve.

ENTREVISTADO 8 (Área de Artes)

R: O perfil do profissional formado em Artes Visuais deve ser semelhante ao de qualquer profissional formado pela Universidade: uma visão ampla e crítica em relação ao mundo contemporâneo e uma sólida formação específica em sua área valorizando o conhecimento sensível.

ENTREVISTADO 9 (Área de Artes)

R: Na área de Artes Plásticas, tanto para o artista, o crítico, historiador, ou arte-educador, seria fundamental a compreensão da arte como uma busca do humano em toda sua amplitude, mas sem esquecer os conflitos, as contradições e mesmo as impossibilidades desta tentativa sempre incompleta. E a ética na condução de tal busca.

ENTREVISTADO 10 (Área de Letras)

R: Tomo como referência o curso de Letras Inglês para responder. Tendo em vista o papel do

Inglês no mundo globalizado, vejo como qualidades básicas, indispensáveis, que deveriam estar presentes no perfil do profissional formado nesse curso:

a) conscientização a respeito do que significa o Inglês como língua franca, universal, os perigos e as necessidades decorrentes dessa posição;

b) se o profissional for professor dessa língua, ter consciência de como é hoje entendido o “falante nativo” e de como é relativa sua importância, para tê-lo como modelo; estar preparado para conhecer a área de ensino de língua para fins específicos.

ENTREVISTADO 11 (Área de Artes)

R: Recentemente elaborei um curso de ARTE E EDUCAÇÃO cujo objetivo foi trabalhar a área de Artes buscando atender as necessidades específicas dos seguintes profissionais: a) Professores polivalentes que estarão ministrando aulas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental; b) Professores que ocuparão postos de direção e coordenação na hierarquia administrativa das escolas públicas e particulares; c) Professores que ocuparão postos nos setores de treinamento e capacitação de recursos humanos em empresas. Dentro do Currículo de Pedagogia, essa abertura para a área de arte não está contemplada entre as disciplinas do tronco comum, mas ora tem sido incluída entre as aulas de projetos especiais, ora como atividades complementares e atualmente como Prática de Ensino, ficando sempre na dependência da visão da coordenação do curso e no como os alunos recebem as aulas. Desta forma devo imaginar que tenho tido uma boa acolhida em ambas instâncias, pois este é nosso quinto ano de trabalho. Considerando os profissionais relacionados anteriormente, passo a responder a pergunta: eles devem apresentar as seguintes qualidades básicas:

- ter uma vivência prática de algumas linguagens expressivas: linguagem visual, linguagem verbal, linguagem cênica e

musical, abordadas como operações poéticas;

- ter uma visão do próprio percurso criador em cada linguagem expressiva;
- ter uma atitude reflexiva em relação à produção bem como à recepção das diversas linguagens expressivas;
- ter uma visão do contexto sócio-cultural-artístico na manifestação histórica de cada linguagem expressiva.

ter assimilado o valor da sensibilidade, das sensações, das intuições e pensamentos como funções integrantes da consciência e que precisam ser instigadas e consideradas por cada pessoa especialmente na área de artes.

ENTREVISTADO 12 (Área de Letras)

R: As qualidades básicas seriam: a experiência partilhada, a criticidade, não só a criação, mas como a recriação dos recursos pedagógicos existentes para ensinar as atividades. Que ele aprenda, primeiramente, a conscientizar os seus alunos da importância de conscientizar o aluno de inglês, de língua estrangeira, que ele não está só como manipulador da língua, entende? Não porque ele vá falar bem, vá ser um bom professor, pois para ser um bom professor precisa de uma grande formação, tanto acadêmica, quanto educacional e cultural fortíssima, que nos é pedido pela LDBEN. Mas, pedir isso de cima para baixo não adianta nada, quero ver isso na prática, como isso se viabiliza, entende? E o ser no mundo, estar no mundo, saber quem ele é, saber quem realmente o aluno dele é, para que haja comunicação. Sem esses dois fatores, é impossível se chegar a algum lugar. Não podemos pensar mais aquele professor de ensino frontal, com a visão de um ser supremo, com a sabedoria toda na cabeça, apenas transmitindo um punhado de informações para uma clientela, vamos dizer assim, passiva; desprezando a experiência e o próprio repertório do aluno, porque eu sem o aluno não sou ninguém, e nem considero a diferença entre professor e

aluno. Somos exatamente iguais, com uma diferença: o professor tem mais experiência, e é dentro desta experiência que ele procura mostrar caminhos para a viabilização de uma prática mais efetiva, de uma prática reflexiva, de uma prática criativa, de uma prática que faça o aluno ser um ser pensante, ser um ser melhor, entende? Que ele haja em comunidade, em sociedade, como um ser que saiba partilhar poder, saiba partilhar conhecimento, que ninguém é o dono do conhecimento. Se eu fosse o dono do conhecimento eu não seria professor, né? Eu sou um eterno aluno.

QUESTÃO 2 – Como você vê a questão: despreparo dos estudantes versus exigência de qualidade nos cursos da sua Área?

ENTREVISTADO 1

R: Com a desvalorização da Educação pelos governantes dos últimos tempos e devido aos poucos investimentos no setor, a escola não acompanhou a velocidade da evolução das sociedades. Com isso, o aluno tem chegado cada vez mais despreparado em quase todas as séries dos vários níveis de ensino. Esse tem sido um dos grandes problemas a se enfrentar na faculdade (reflexo do mesmo problema nos níveis anteriores de ensino). Não se pode ignorar o fato, nem deixar que a situação se perpetue e a qualidade do ensino seja afetada. Uma espécie de solução “média”, alternativa, é partir sempre daquilo que o aluno sabe e fazê-lo alcançar novos patamares de conhecimento, sem, com isso, diminuir muito as exigências. Aos poucos, realmente, tais exigências formam-se adequando aos novos tempos e tornaram-se menores, mas é preciso ter cuidado para que não se perca a qualidade do curso. O aluno, hoje, tem que aprender a pesquisar sozinho, dominar os conceitos básicos, ter bem firmes as técnicas fundamentais ao exercício da profissão, muito mais do que adquirir quantidade de informações no curso. O incentivo ao alcance de novas metas

deve ser constante e as bem sucedidas experiências devem ser mostradas para que todos os alunos desejem progredir. As metas planejadas para os cursos devem ser mantidas, na medida do possível, apenas o espaço a percorrer será mais longo, mais difícil quanto maior o número de alunos despreparados.

ENTREVISTADO 2

R: Com relação ao despreparo dos estudantes versus exigência de qualidade nos cursos de nossa Área, existe um descompasso muito grande se comparada com as demais áreas do conhecimento. Nossa área trabalha com o sensível e com a criatividade, que são relegadas na grande maioria das escolas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, dificultando em muito uma preparação sensível e de conteúdo aos futuros estudantes que fazem a opção de participar dos cursos de nossa Área. A educação tem contribuído muito pouco para a melhoria de um ensino dirigido ao sensível, à qualidade do ensino e ao verdadeiro conhecimento. É necessário conteúdos e formas atraentes para motivá-los, pois isto pressupõe a afetividade e a emoção na vida escolar. Atualmente, observamos ilhas educacionais de bons níveis, tanto na escola pública como em escolas particulares, que trabalham com o sensível, com a arte como um elemento educacional transformador, que coloca o educando como um ser pensante e sensível, construtor de si mesmo e das coisas a sua volta. Tanto no Ensino Fundamental e como no Ensino Médio, a área do sensível, na grande maioria, é relegada ao último plano como elemento educacional, deixando assim de dar conteúdo prático como teórico e estético ao educando. Os estudantes que procuram a nossa Área para a sua formação, chegam em sua grande maioria despreparados, somente com a vontade, o que já é uma grande coisa, pois a vontade é um grande estímulo.

ENTREVISTADO 3

R: Minhas pesquisas demonstram que o número de alunos dos cursos de artes plásticas

que tem um perfil de relativo fracasso escolar é razoavelmente grande. É muito comum que estudantes com um histórico de problemas na escola sejam atraídos pela área de artes a partir da preconceituosa de que está seja uma área mais “fácil” de estudo e trabalho. Receber um aluno mal preparado tanto do ponto de vista do currículo oficial quanto do ponto de vista da cultura geral é um grande problema em minha área. Geralmente este aluno não está preparado para enfrentar leituras de cunho teórico, apresenta pouco conhecimento histórico ou social e associa o trabalho em artes visuais apenas ao desenvolvimento de alguma técnica artística, tais como a pintura ou a escultura. A entrada deste aluno no mundo da arte contemporânea pode muitas vezes ser traumático. A tentativa por parte dos professores de superar esse problema de referencial (arcabouço cultural) muitas vezes impossibilita que experiências artísticas mais sofisticadas sejam implementadas nesses cursos. Se traduzirmos essa questão pelo olhar das exigências de qualidade esperadas nessa área do conhecimento posso dizer que o despreparo dos estudantes é um fator fundamental na baixa qualidade dos cursos.

ENTREVISTADO 4

R: O problema do despreparo dos estudantes está ligado à má qualidade da educação básica. Estudantes de arte chegam à universidade sem nunca ter ido a um museu, assistido a um concerto etc. Falta-lhes um mínimo de conhecimentos e experiências que deveriam ter sido adquiridos no ensino fundamental e médio. Assim, cabe ao ensino superior tentar recuperar, pelo menos em parte, o que deixou de ser aprendido na educação básica.

ENTREVISTADO 5

R: No caso dos cursos de arte, raramente o “estudante” se apresenta sem um lastro que, a meu ver, é a sua grande referência e deve ser conservado intacto. Este lastro é sua vontade de

realizar, e toda a informação recebida será contraposta à vontade, à subjetividade das necessidades internas e à objetividade das operações artesanais.

ENTREVISTADO 6

R: É uma das questões mais importantes hoje, pois os alunos vêm sem uma formação crítica da escola que ainda trabalha na perspectiva da informação mais do que da formação. (o próprio vestibular reforça isso apesar dos esforços em se formular questões mais abertas que tratem da opinião crítica do candidato). Ao chegarem na universidade os problemas que encontramos vão desde a ausência de competências relacionadas à produção de textos (no caso dos Cursos de Letras) até a ausência de posicionamento crítico frente ao conhecimento. Há também uma falta de integração entre os conteúdos trabalhados em cada disciplina o que dificulta o entendimento do aluno sobre a formação que recebe.

ENTREVISTADO 7

R: É uma das questões mais importantes hoje, pois os alunos vêm sem uma formação crítica da escola que ainda trabalha na perspectiva da informação mais do que da formação. (o próprio vestibular reforça isso apesar dos esforços em se formular questões mais abertas que tratem da opinião crítica do candidato). Ao chegarem na universidade os problemas que encontramos vão desde a ausência de competências relacionadas à produção de textos (no caso dos Cursos de Letras) até a ausência de posicionamento crítico frente ao conhecimento. Há também uma falta de integração entre os conteúdos trabalhados em cada disciplina o que dificulta o entendimento do aluno sobre a formação que recebe.

ENTREVISTADO 8

R: O despreparo dos alunos que entram nos cursos universitários é um problema

decorrente da banalização do ensino fundamental e médio. Em relação ao ensino de arte o problema se agrava: não existe, a preparação para o ser sensível, capaz de desenvolver suas idéias através do pensamento visual.

ENTREVISTADO 9

R: Despreparo é consequência de décadas de negligência e desmonte deliberado do ensino básico. As atuais exigências de qualidade não me parecem muito diferentes, já que se pretende melhorar o nível de ensino enfrentando poucos os problemas fundamentais criados ao longo dos anos, sem investimentos públicos suficientes e sem colocar claramente a educação como absolutamente prioritária. Mas devemos ser capazes de trabalhar com essa realidade, saber reconhecer o aluno real que temos à nossa frente, sem demasiadas abstrações. Apesar das condições insatisfatórias, muitas capacidades surpreendentes se revelam, desde que se respeitem as singularidades da cada um.

ENTREVISTADO 10

R: O despreparo dos estudantes deveria convencer os responsáveis pelos currículos de Letras Inglês de que não é possível alcançar qualidade em cursos de Licenciatura dupla, isto é, Português-Inglês, nos quais a maior parte do tempo é dedicada ao estudo do Português.

ENTREVISTADO 11

R: A questão do despreparo do aluno em oposição à qualidade do ensino parece equivocada na minha área, pois percebo a idéia de qualidade como o acolhimento, pela instituição escolar, de qualquer pessoa. Ao mesmo tempo, aceitar o desafio de atendê-la na sua individualidade e não genericamente como um elemento de um contingente, deste modo:

- propor situações para que ela se manifeste por meio das linguagens expressivas na sua integridade;

- observá-la apontando nas suas realizações as diversas ordens de valores conquistados e a conquistar;
- abrir espaço para que seu potencial expressivo seja configurado por alguma forma de linguagem e assumido como uma possibilidade de realização pessoal e profissional (conforme o caso).

Vale observar que as turmas são geralmente numerosas (60 alunos em média) e temos apenas um encontro semanal de 2h/a, por isso tenho trabalhado com subgrupos podendo visualizar, cada um e suas atividades, num contexto menor, permitindo ao grupo uma interação mais ativa em relação à participação, cooperação, intercâmbio de idéias, sentimentos e atitudes; na prática isto é muito enriquecedor.

ENTREVISTADO 12

R: Bom, dentro da Universidade, o que nós realmente recebemos é uma clientela, um alunado muito díspar. Uns já vêm preparados linguisticamente, outros vêm mais ou menos preparados linguisticamente, isto é, já têm aquela base sobre a qual você pode trabalhar; e têm outros que estão completamente despreparados. No ensino de línguas, por exemplo, se você tiver alunos dentro de uma escola, alunos que estão procurando apenas uma comunicabilidade dentro do ensino, a exigência é tão importante quanto a de ensinar, de manter uma relação ensino-aprendizagem produtiva. Mas dentro da Universidade isso causa um grande problema porque, em 4 anos, você tem que formar um profissional. Então as exigências são diferentes. E os alunos chegam despreparados não somente dentro do meu campo, mas em outros campos do saber na Universidade; alunos que não leram um livro, nada, e culturalmente, em termos de repertório (que defino como a “somatória dos inesquecíveis”), esses alunos são paupérrimos. Então, para você fazer essa ligação interdisciplinar, para vê-los caminhar, com essa categoria de ação que é a interdisciplinaridade, é audaz, arriscado, imprevisível e provisório. De minha parte, princi-

palmente, que requer aquele afastamento, às vezes, para você reconstruir tudo, no eterno construir para reconstrução, isto é, um eterno criar para recriação, é uma loucura essa metáfora de aprendizado.

QUESTÃO 3 – Qual o significado que você atribui ao PROFESSOR no momento atual, especialmente no que se refere à formação de jovens e aos problemas que o país vem enfrentando?

ENTREVISTADO 1

R: Os problemas sociais fazem parte de nosso dia-a-dia, infelizmente. Deverão ser solucionados nas muitas instâncias governamentais – e até não governamentais – que cuidam (ou deveriam cuidar) das suas especificidades. A ESCOLA é uma instituição social formadora desde os homens que estarão à frente das instâncias decisórias futuras àqueles que cumprirão seu papel em um trabalho “simples” e tão importante na composição do conjunto quanto o outro. Em resumo, a escola formará o cidadão que fará a sociedade de amanhã. Se essa formação for boa, positiva, os problemas sociais não serão tão graves. A responsabilidade social da escola está cada vez maior. Assim sendo, o papel do professor é de formador, um condutor da formação pessoal e social do aluno, pois tem poder de transformar ou confirmar visões de mundo, conceitos e valores. Ele é um referencial para o jovem que, por mais confiante e seguro que queira demonstrar ser, não o é. A família tem encontrado dificuldade para cumprir seu (antigo?) papel de formadora da personalidade e de “esteio do bem” e o professor pode ocupar esse lugar. Sua relação com o aluno é fundamental e de muita responsabilidade.

ENTREVISTADO 2

R: Que o professor compreenda que o seu trabalho deverá ser desenvolvido pela dialética,

pela ação e reação entre a diversidade que os educandos têm para construir seus conhecimentos. Entender a interdisciplinaridade como um elemento educacional importante, transformando o currículo num diálogo de contribuição entre as disciplinas, facilitando o nascimento de uma relação dialógica de professor-aluno mediante diversos objetos de conhecimento num percurso de construção mútua, partilhada e solidária, onde a sensibilidade e a ciência se completam. Fazendo assim, que não somente o professor esteja sensível aos problemas que o país vem enfrentando, mas também os alunos, percebendo a importância do conhecimento dos problemas sociais para uma sensibilização e sustentação de uma vida democrática, saudável e justa. Priorizar o “aprender a aprender”, levando em conta que a nossa cultura (creio que ainda sempre em formação) é rica e resultante da nossa diversidade e pluralidade cultural.

ENTREVISTADO 3

R: O professor, por uma série de fatores políticos, sociais e históricos, perdeu a sua posição de formador de opinião social para agentes muitas vezes despreparados intelectualmente. Minha posição, que talvez pareça em um primeiro momento preconceituosa e arrogante, é fundamentada na experiência que tenho com a relação que os alunos de artes plásticas tem com o discurso de galeristas, marchands e críticos de arte. Muitas vezes fica patente que a opinião desses agentes, nem sempre rigorosa ou mesmo fundamentada no bom senso, é muito mais importante do que a daquele professor que o ensina e forma para o trabalho na área de artes. Devo dizer também que de modo geral fica patente que um professor, seja ele do ensino fundamental, médio ou superior, deixa de ter importância social na medida em que também acaba tendo uma formação medíocre e uma postura tacanha: deixa de ter importância por não conseguir construir sua própria legitimidade. Talvez o significado que eu possa atribuir ao professor na atualidade seja exatamente o da falta de significado!

ENTREVISTADO 4

R: Os problemas são muitos, e não sei a quais a pergunta se refere, por isso é difícil responder a esta questão. Supondo que alguns desses problemas sejam, por exemplo, violência, falta de cidadania, considero fundamental a atuação do professor/a para amenizá-los, pois a solução destes problemas depende de um programa de ações em diferentes campos – social, econômico, da saúde etc. – que ultrapassam a ação educativa. Para mim um professor/a não deve se restringir à instrução, mas deve preocupar-se com as questões morais e de formação do caráter, contribuindo para a formação de cidadãos e cidadãs.

ENTREVISTADO 5

R: Sempre considerando nesse caso o curso de Artes. Ele pode informar e dialogar com o aluno interessado – um diálogo profícuo. Uma boa política. Ele pode, se possível, ser uma referência de uma vivência nesse tipo de experiência.

ENTREVISTADO 6

R: O papel do professor é o de colocar o aluno face a desafios que o levem a buscar soluções criativas e críticas. Não se admite mais o professor que detém o conhecimento e quer passá-lo de forma verticalizada. Devemos propiciar encontros entre professores que propiciem o questionamento dessas práticas.

No que se refere às dificuldades do país vemos-nos diante de problemas sérios na área da educação: criação de cursos pré-vestibulares gratuitos a candidatos de baixa renda (modelo dos cursos preparatórios da Poli-USP), provão, aumento de vagas para as universidades públicas, entre outros. Devemos criar fóruns de discussão que integrem a universidade e o ensino fundamental na busca de soluções sobre a educação no Brasil em geral e não tratar o problema de forma setorializada.

ENTREVISTADO 7

R: Acredito que são poucos os que têm consciência de que o professor forma: vejo mais preocupação com informação, programas, titulações e aqueles que na verdade formam, estão na contra-mão. É preciso grande resistência e determinismo para não se deixar envolver no direcionismo artístico oficial de : muitos museus, galerias, instituições de ensino, mentalidades artísticas que estão em pontos chaves. Enfim não se vive a qualidade da arte nem da vida que potencialmente cada um poderia saborear-poucos são os que disponibilizam o afeto envolvido pela informação e o conhecimento prescindidos dos circuitos de arte e cada mídia convencionais, cujo privilégio de convivência é um raro referencial “para aqueles a quem a *arte é o produto excelente da capacidade humana*” (G.H). Há uma luta para se fazer experimentar isto, a beleza no visual (história da Arte, espaço físico, vestimenta culinária etc) no auditivo, na sensação, no global. Isto é igual a qualidade de vida.

ENTREVISTADO 8

R: A responsabilidade do professor é idêntica no mundo atual e em épocas anteriores. A formação do jovem deve ser feita “apesar” da escola e ao professor cabe introduzi-lo a campos ou áreas específicas do conhecimento.

ENTREVISTADO 9

R: Professor é muito importante como referência num momento de mudanças aceleradas e de informação sem sentido, combinadas, de modo particularmente agudo no Brasil, com as conhecidas debilidades do ensino. O professor é importante não só pela competência mas por toda a sua postura na instituição de ensino, seu respeito pelo aluno (que significa também fazer críticas severas quando necessário), sua disponibilidade à orientação, subordinando as normas burocráticas aos valores éticos e humanos.

ENTREVISTADO 10

R: O PROFESSOR deveria ter uma formação, já desde os primeiros anos de seu curso de Letras, que lhe permitisse refletir sobre seu papel de formador, e não apenas de professor de Inglês.

ENTREVISTADO 11

R: Cabe ao professor do Curso Superior, trabalhando com jovens e adultos na sistemática de aulas participativas, ao abordar e aprofundar os conteúdos práticos e teóricos programados, verificar:

- se eles já apresentam vínculos de trabalho (em escolas ou empresas) e se são vínculos profissionais, isto é, se fazem uma correspondência com o designio de cada um, se atendem ao chamado da voz interior;
- nessa posição que relações eles podem manter com o papel do pedagogo que estão construindo;

Como as diversas linguagens expressivas podem iluminar esse papel agregando os valores da atividade lúdica (forma de compromisso livre) e artística (relação de criatividade com o que faz) aos valores do trabalho (um percurso de emancipação do ser).

ENTREVISTADO 12

R: Bom, pelo que eu vejo nas práticas com os meus professores em formação, fazendo prática de ensino dentro da Universidade Católica, está sendo muito difícil encontrar alguém que queira ser professor porque, dependendo do nível social da pessoa, o professor é encarado de uma determinada maneira, porque isso é falta de pai e mãe dentro de casa, não é? Eu tenho um símbolo dentro da minha pesquisa que é Maria Calas. Maria Calas falou o seguinte, uma vez, sendo entrevistada: para você ser mãe, você tem que querer ser mãe, não é obrigação, é dever ser

boa mãe, se você não for uma boa mãe, não tenha filhos. Se não confiar na sua mãe, em quem você vai confiar? É exatamente isso o que cabe ao professor. Por um outro lado, o professor tem que ser mãe, pai, psicólogo, tem que agüentar numa classe alta, por exemplo, o nível de servil, de empregado de gente que paga pela atuação dele. O professor está perdendo a dignidade diante dos alunos. Quer dizer, é a falta de dignidade da carreira. Principalmente no ensino de línguas (e acho que isso pode ser estendido a um ponto em que a dignidade do professor chegou ao fundo do poço), o professor virou simples proletário. E isso acho que feito pela própria Academia, pela própria LDB e tudo que vem de cima, entende? Ele é simplesmente um cumpridor de pacotes prontos, e que eu absolutamente destruo na minha aula. Parâmetros curriculares, LDB, provão, por favor! Analiso-os todos como documentos, para os alunos verem aonde estão os vieses políticos e educacionais, o que se pretende com o pacote. Em educação não se faz parâmetro, você não é para metros, eis aqui o latim, não é? Você alarga, você não faz parâmetros, para que? Para produzir o que? Não, por favor. Então, o significado que atribuo ao professor é difícil de definir. É um professor com conhecimentos díspares, não só de sua área, que ele tem que saber mesmo, a especificidade dele, mas também como conhecer, no mundo, como o ser no mundo vem numa realidade, e cada realidade diferente em que a classe se apresenta. Eu trabalho com prática de ensino, eu trabalho em todos os níveis, até com pré-escola, escola de línguas, escolas da rede, escolas particulares. Eu tenho que ver tudo, como professor de prática, você tem que ter uma visão abrangente de forma a ver todas as ramificações em que o inglês está permeado. Tenho que ter uma visão do específico e do pedagógico, mas sempre com o elemento artístico e cultural. Jamais como o elemento ditado por um campo do conhecimento, porque campo limitado de conhecimento não existe realmente, não é? Ao você ter uma atitude interdisciplinar, que é a atitude xereta, você simplesmente vai a outro campo, ele se dilui e se compõe ao mesmo tempo, então, o que você tem é realmente isso, não é? Esse conversar, essa

polifonia entre campos é que faz a interdisciplinaridade e faz de um professor xereta ser interdisciplinar. O que é muito bonito.

QUESTÃO 4 – Você reconhece alguma influência de professores marcantes em sua prática? Comente.

ENTREVISTADO 1

R: Tive professores fantásticos. Nem todos, é claro. Vale à pena falar sobre alguns que me vêm à memória – dos quais nunca me esqueci – e me fazem recordar com saudade e contentamento, por tê-los conhecido e ter sido sua aluna. Todos eles, em diferentes momentos e de formas também diferentes, influenciaram-me nas escolhas de caminhos a seguir e na maneira – talvez – de trabalhar. Do ensino médio, lembro-me do maestro e professor de psicologia (Escola Normal Carlos Gomes) Oswaldo Urban, que quase foi responsável pela escolha de outra carreira, não a que segui, na área de Letras. A magia de suas aulas fazia (a adolescente que eu era) imaginar que nada mais seria tão importante de ser estudado na vida; seus conhecimentos de tantos assuntos (pensava eu) o faziam um homem muito inteligente. A professora de música, Eunice Aranha, plena de simpatia, delicadeza, amizade e alegria contagiante, com as quais conduzia o relacionamento com os alunos, deixou gravado seu sorriso em minha memória. No primeiro ano da faculdade, básico, tive aulas de economia (outra área) com o fenomenal Wilson Cano, que também me fez até gostar (agora acho estranho isso) de tudo o que ele explicava; cheguei a estagiar na área e entender muito do conteúdo da disciplina. Na faculdade de Linguística (UNICAMP), foram marcantes as aulas de Carlos Franchi e Rodolfo Ilari, pela competência com que lidavam com conceitos e teorias para mim tão novas, na ocasião; pela didática, ao transformarem o que poderia ser um assunto complexo em algo simples, maravilhoso; sobretudo pela paixão que demonstravam pela linguagem e pelas questões que discutiam; pelo grande valor

que atribuíam aos “mestres” de outros tempos e teóricos da linguagem. Depois de formada, freqüentei cursos e, hoje ainda, meu entusiasmo se renova ao assistir a palestras daqueles que arrebatam meus aplausos vigorosos, por enlevar o espírito do ouvinte e reforçar a paixão pelas questões da linguagem, do discurso, ao confirmar que o que estudamos não foi/é em vão. E que há muito mais a ser estudado. Falo, por exemplo, de José Luiz Fiorin e de Diana Barros, que eu “persigo” sempre. Meu respeito e admiração por Wanderley Geraldi vêm do fato de ele estar freqüentemente “em estado de reflexão” e por fazer do aluno seu interlocutor. Posso ter omitido – e com certeza o fiz – grandes nomes que mereceriam compor esta lista de bons professores. Falar com a alma e o coração, descontraidamente, é muito bom.

ENTREVISTADO 2

R: Sim e muito. Tive professores marcantes em minha escolaridade, tanto no Ensino Fundamental, que no meu tempo era o Primário (Grupo Escolar), como no Ensino Médio (Ginásio-Colegial) como no Ensino Superior (Graduação). Na Pós-Graduação nem tanto. Acho isto curioso. São professores inesquecíveis e sempre lembrados com carinho e gratidão. Foram os que me despertaram o prazer de aprender e depois de ensinar. Foram os que me alicerçaram, os que me deram base. Os que tinham prazer em transmitir conhecimentos, os que me estimularam a querer saber mais. Sem eles eu não estaria onde me encontro hoje como educador e artista plástico. Tive também aqueles que foram referências para jamais ser iguais a eles, o que considero importante para a minha formação.

ENTREVISTADO 3

R: Sim, reconheço a influência de vários professores em minha prática, das quais posso destacar três deles em especial: Giancarlo Gasperini, meu orientador de trabalho de conclusão de curso na faculdade de Arquitetura

e primeiro professor a perceber que eu tinha uma postura de metodólogo, de pesquisador; Ivani Fazenda, minha orientadora de Mestrado e Doutorado, professora que me iniciou no campo da Interdisciplinaridade no ensino e com a qual mantenho uma longa e fecunda parceria de pesquisa: e Iole di Natal, colega e amiga que, sem perceber, ensinou-me a respeitar tanto a técnica quanto à subjetividade no trabalho do artista plástico. Posso dizer que de maneira geral todos os três tem em comum o fato de serem professores-pesquisadores, gente que ensina e produz conhecimento novo e que tem o perfil de um erudito interdisciplinar.

ENTREVISTADO 4

R: Inúmeras, acredito que a formação dos professores/as se dá, em grande parte, pelos professores que são tomados como modelos de forma consciente ou não. A influência ocorre de várias formas: imitação de práticas, entusiasmo pela profissão, incorporação de valores, hábitos e atitudes etc.

ENTREVISTADO 5

R: No meu curso de arte, artes plásticas e visuais, todos os professores, que na verdade eram artistas e muito voltados para sua própria arte, portanto capazes de estabelecer, através de suas experiências um vínculo profundo com o que poderíamos entender como “o coletivo da humanidade”, deixaram suas mensagens para todos nós. Por influência, entendo mais a simpatia, o apoio, a transferência do entusiasmo, a possibilidade de um diálogo e menos a submissão, a sugestão ou imposição de um estilo, de um único modo de operar, de um caminho para “acertar”.

ENTREVISTADO 6

R: Sim. Principalmente de professores que me fizeram refletir e pensar sobre minha prática e como cidadã. Isso fica para sempre.

ENTREVISTADO 7

R: Reconheço duas influências, uma como estudante de Arte e outra em curso livre de gravura – 1962-1971. No período de estudante (1962) vivi o entusiasmo e alegria do professor artista que levava alguns alunos junto com outros artistas a pintar ao ar livre. Esse prazer de viver me fizeram assumir a Arte como meio de expressão e de vida-em contrapartida seu valor como arte era só baseado na pura observação e pintar como ele e eu, jovem sem perceber absorvi sua maneira de trabalhar (estilo) o que me levou a um forte empenho para reencontrar meu percurso. Já no curso livre de gravura (1971), chegara com um desenho de um pássaro todo deformado e amassado quase que morto; um dos artistas orientadores mandou-me ir à Água-Branca observar pássaros empalhados para ver direito a forma já o outro, o gravador, aceitou meu desenho entusiasmando-me a continuar, ou seja este percebeu que era um pássaro expressivo e que vinha de dentro das entranhas de minha profundidade e precisa sair como pudesse. Ele tinha percebido meu momento histórico, minha mitologia o meu instante. Esta postura é que norteia minha preocupação com relação aos alunos perceber seu momento vida-arte e dar-lhe material para transformá-lo numa conquista cotidiana e metódica.

ENTREVISTADO 8

R: O único professor que teve uma influência definitiva em minha prática foi Evandro Carlos Jardim. Sua atuação ética e artística marcou, definitivamente minha escolha e postura profissionais.

ENTREVISTADO 9

R: Os poucos que preenchem o que aponte na resposta anterior.

ENTREVISTADO 10

R: Vejo alguns professores da rede pública do projeto de formação em serviço em que estou

envolvida desenvolvendo um trabalho de verdadeira formação, lutando com situações as mais adversas em suas escolas.

ENTREVISTADO 11

R: Ao terminar, em 1963, a Faculdade de Arte (FASM) fui trabalhar, em 1964, no Ginásio Vocacional de Americana, onde de fato me formei. Lá aprendi no grupo de trabalho com brilhantes colegas da área (cito em especial o artista Prof. Dr. Evandro Carlos Jardim, meu orientador do doutorado e outros como Prof. Dr. Newton Balzan) e sob a coordenação competente da Prof. Maria Nilde Mascellani sobre:

- significado e sentido da arte como uma das possibilidades de transformação da realidade em obra, ampliando os modos de ver, sentir e atuar no mundo e a necessidade de sua presença no processo de educação em todos os níveis;
- a importância da produção da minha obra como uma referência para minha atuação docente nessa área do conhecimento;
- a vivência da realidade por meio de práticas, como do estudo do meio que, além das informações, valoriza as sensações e os sentimentos frente à realidade;
- espaço do ateliê como um espaço real e mental para a concretização da obra;
- princípio de seleção dos conteúdos da cultura como uma competência do docente em função dos objetivos e das necessidades da turma com que está trabalhando;
- a complexidade do conhecimento exigindo uma articulação das diversas áreas do conhecimento para a compreensão e atuação do sujeito no seu tempo.

ENTREVISTADO 12

R: Muito poucos. Porque eu acho que a academia me ensinou pouco sobre o que eu

uso atualmente. Não estou desprezando, veja bem, a academia me deu subsídios teóricos que eu aceitei, entende? Ela me deu uma escola. Mas o conhecimento mesmo de mundo, artístico e cultural que eu tenho não foi a academia. Eu fui formado pela academia para chegar a ele, não é? Os professores que me marcaram, eu tive dentro da minha história de vida. Eu tive a minha primeira professora de inglês, quando tinha 5 anos de idade, Miss Howard, que me disponibilizou uma biblioteca maravilhosa, álbuns maravilhosos com fotografias de épocas, móveis maravilhosos, então eu entrei por aí. Depois disso, tive uma professora de inglês no colegial muito interessante também, que era uma contadora de histórias, que já naquele tempo, conseguia perceber a mesmice das coisas e reagia. E na Universidade, em termos de criatividade, eu tive a Adalgisa Almeida Carvalho, que era uma outra contadora de histórias fantástica e que jamais repetia absolutamente nada, isto é, ela não repetia assuntos e toda aula era a imprevisibilidade, a perplexidade, o fator surpresa. E nós tínhamos que acompanhar aquele fator surpresa, que não era fácil, mas, enfim, me ensinou uma grande coisa: que caminho você encontra fazendo... E há 8 anos atrás, tive o prazeroso contato com a Lucrecia D'Alessi Ferrara, que em aulas de inglês particular, nós trocávamos muita idéia sobre o que é ensinar, como ensinar, como ela me via, como eu a via, dentro de uma linha de associações, etc, etc... E a Ivani Fazenda, a Ivani que nos recebe assim, como filhos, como a mãezona, mas a mãezona de uma sapiência, de uma delicadeza, de um amor ao que faz, de uma consideração a tudo que é falado, sem se por na posição de estrela, de dona do conhecimento, mas sim, como alguém oferecendo-se à partilha, ao risco, à imprevisibilidade e à humildade, que, num dos seus livros, ela faz referência e fala que o perfil da interdisciplinaridade é a humildade, isso é maravilhoso. O que é bonito na Ivani é o que ela fala, ela faz sentindo; e ela é. E isso é muito difícil de encontrar na Academia. Muito difícil.

QUESTÃO 5 – Como você concebe a interdisciplinaridade em sua Área? E como você percebe o trabalho interdisciplinar no ensino superior? Comente experiências de ensino que tenha realizado.

ENTREVISTADO 1

R: Na área de Letras, os estudos recentes têm apontado para a importância do trabalho com textos e a Análise do Discurso tem contribuído muito para o desenvolvimento das teorias sobre a linguagem. Para uma boa prática, há que se ter boa(s) teoria(s) como subsídio. A interdisciplinaridade ainda precisa ser mais trabalhada, pensada, assimilada pelos docentes que trabalham juntos. É difícil para cada um sair de seu “casulo” espontaneamente. É necessária a “provocação” de situações práticas para que as idéias de trabalhos conjuntos possam fluir. Em alguns casos, com docentes que têm a mesma formação, ou que participam de cursos e experiências que discutem questões comuns, a interdisciplinaridade tem funcionado, ou, pelo menos, “fala-se a mesma linguagem”. O aluno percebe quando há ou não alguma relação teórica e/ou prática nas atitudes docentes. Ele é, talvez, o único que tem a visão do conjunto, do todo, pois o reflexo do trabalho docente afeta-o diretamente. Na Faculdade de Letras, percebe-se que um ponto de união e de discussão sobre o conteúdo e as estratégias das disciplinas vem sendo “alinhavado” pelos docentes que participam (como docentes ou como alunos) do curso de pós-graduação *lato sensu* Especialização em Análise do Discurso. A área é bastante abrangente e fornece subsídios às disciplinas do curso de Letras reformulado. O enfoque discursivo é a linha mestra do projeto pedagógico do curso. Assim, algumas disciplinas têm trabalhado em conjunto, como Introdução aos Estudos do Discurso e as várias de Leitura e Produção de Textos, até mesmo algumas de Literatura.

ENTREVISTADO 2

R: A interdisciplinaridade, tanto na minha Área como nas demais, considero de grande

importância e em toda a escolaridade do homem, independente do grau educacional. O conhecimento não se adquire fechado, hermético, assim não é enriquecedor. A disciplinaridade é fria, fechada em si mesma, não estimula relações de conteúdos, dificultando diálogos entre os diversos saberes. O artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996 (LDB 9394/96) afirma que "...a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade e nas manifestações culturais...". Com relação ao Ensino Superior, a interdisciplinaridade ainda não existe. Agora que está se começando a pensar e a falar sobre a interdisciplinaridade, como por exemplo na Área pedagógica.. Como experiência e vivência de ensino que tenho realizado com a interdisciplinaridade, sempre venho fazendo o possível na Graduação, porque na Pós-Graduação *stricto sensu* - Mestrado, estamos trabalhando num Programa interdisciplinar: Educação, Arte e História da Cultura, na Universidade Presbiteriana Mackenzie. É um Programa muito rico em seu conteúdo, em suas Linhas de Pesquisa. Foi criado para ser interdisciplinar. Não foi e ainda não é fácil tanto para nós professores como também para os alunos, mas é muito enriquecedor para ambos. Enfrentamos sempre desafios como por exemplo em como preparar e ministrar as aulas como também nas realizações de projetos e orientações, pois temos alunos das diversas áreas do conhecimento, que vieram de uma formação disciplinar. Mas, logo percebemos as descobertas por parte dos alunos e o curso se torna vibrante, enriquecedor. Isto acontece com os alunos durante o curso e principalmente após a defesa das Dissertações. Cada vez mais o número de inscritos aumenta de semestre a semestre, permitindo com isto uma boa seleção dos candidatos.

ENTREVISTADO 3

R: Sou suspeito para falar da interdisciplinaridade na minha área de atuação: sou um

dos poucos que desenvolve este trabalho na área de artes. De um modo geral há muita resistência e/ou desconhecimento do que seja Interdisciplinaridade dentro do ensino de artes visuais. Por incrível que pareça, a crescente invasão de conhecimentos de outras disciplinas dentro das artes acabou gerando uma maior disciplinaridade na atuação de vários profissionais: além das divisões clássicas (fulano é aquarelista, escultor ou gravador) surgiram novas classificações (videomaker, performer, animador em flash) deixando aquele profissional que apenas quer expressar uma reflexão visual na técnica que melhor lhe fizer sentido em um determinado momento numa situação pouco confortável: ele se torna uma ecleta das artes, no sentido pejorativo. Do ponto de vista filosófico não há sentido em imaginar que tenha havido uma fragmentação do conhecimento artístico da mesma forma como a ocorrida no conhecimento científico. Equiparar Comte a Duchamp não é um exercício muito fácil e talvez não seja mesmo possível. Outra questão crucial é a de que a arte é em grande parte fruto da lógica subjetiva. A subjetividade, aceita como referencial fundamental no trabalho artístico, não permite a fragmentação: tentar separar a razão da emoção nesse caso seria criar as sementes da loucura. Tenho realizado várias experiências no ensino interdisciplinar de artes visuais, principalmente arte e tecnologia, no curso de bacharelado em Artes Plásticas da Faculdade Santa Marcelina à luz de minhas pesquisas no GEPI-Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade da PUC/SP. Os resultados têm sido animadores: apesar de um certo estranhamento inicial onde o aluno descobre que não vai aprender a usar programas de computação gráfica para depois construir trabalhos de arte, a construção de uma certa autonomia de trabalho tem sido alcançada. O aluno acaba percebendo que o objeto de seu estudo não é a tecnologia em si, mas sim o trabalho de arte, e que a partir do seu desejo de fazer esse trabalho ele pode escolher uma técnica, um programa ou uma forma de expressão adequada. É a partir desse desejo que ele vai, com meu auxílio, ao estudo da tecnologia adequada. Essas experiências foram analisadas

por mim em minha tese de doutoramento intitulada “Entre a Ciência e a Arte: a Constituição de um Professor sob a Ótica da Interdisciplinaridade”.

ENTREVISTADO 4

R: No que toca ao ensino de arte, tenho uma posição uma voz isolada sobre esta questão. A maioria dos professores/as de arte batalha para separar a formação de professores para as diferentes áreas artísticas em cursos independentes. Embora reconheça que o modelo vigente – Licenciatura em Educação Artística – não é satisfatório, não concordo com a formação de professores de arte em cursos separados: curso de música, de teatro, de artes plásticas. Esta concepção vai em direção contrária ao que observamos na produção artística contemporânea: espetáculos que integram música, dança, teatro, artes visuais etc. Defendo, portanto, uma formação interdisciplinar para o professor/a de arte. Quanto a experiências interdisciplinares de ensino não cheguei a realizá-las no ensino superior, mas na educação básica, através de projetos desenvolvidos pelos alunos da Licenciatura em Educação Artística no ensino fundamental e médio, na disciplina Prática de Ensino e Estágio Supervisionado.

ENTREVISTADO 5

R: Penso o artista como um ser intersticial, tanto do ponto de vista social, quanto o das “operações poéticas” que poderão resultar em obras, obras de arte. Ao se expressar, o conhecimento sensível está em jogo e este pode se manifestar de forma abrangente, através de experiências nas mais diferentes áreas do conhecimento.

ENTREVISTADO 6

R: Na área de Letras a interdisciplinaridade é uma das questões mais debatidas no momento. Constatamos uma confusão entre projetos

conjuntos que integram diferentes áreas e uma noção de interdisciplinar que vai além disso. No ensino superior é muito comum a confusão entre o aspecto acima e por comodidade, cada um tem a tendência de se fechar em sua própria disciplina. Atualmente na PUC/SP estamos debatendo a questão em vistas a uma reforma curricular. Muitos professores ainda resistem a discutir a questão, pois sabem que enfrentá-la significaria mudar sua prática profissional.

ENTREVISTADO 7

R: Na pergunta, “como você concebe a INTERDISCIPLINARIDADE em sua Área?” eu me recorde de quando iniciei a dar aula e não conhecia o valor desta palavra (ensino arte desde 1964 na graduação e portanto nível superior a partir de 1969 e na pós-graduação desde 1996), percebi intuitivamente que para realizar bem qualquer coisa em qualquer campo eu precisava estar totalmente inteira entregue. É preciso estar universalmente inteiras na causa afim, quanto mais em arte, produção da excelência do ser humano, rastro de sua história. Isto implica num reticulado, num filó de correlações, experiências, conhecimentos emoções, na visão que a vida é um todo indivisível; as aulas seriam um microcosmos desta essência. Outro dia assistindo um programa sobre Saturno e a sonda Galileu que para lá se dirigia, os cientistas da NASA, fizeram a sonda dar mais voltas do que haviam projetado, para que no momento certo ela pudesse entrar na atmosfera desejada, no ângulo correto, o que para mim significa simbolicamente estar em movimento com o instante, com a realidade em harmonia com o todo: raciocínio, emoções, beleza, conhecimento, pois assim surge o momento “preciso” em sentido de exatidão com relação às coisas. É o vôo da águia. Com a aprendizagem em educação é assim que tudo acontece, você recolhe o que o universo te oferece naquele momento exato. Respondendo a questão da interdisciplinaridade no Ensino Superior eu diria que deixa muito a desejar, até lamentável; resultados repetitivos nas pequenas teses de graduação integrada onde a presença

do prof. Orientador é forte em vez de dar maior espaço ao aluno. As escolhas dos orientadores são pelos professores artistas de projeção oficial não pelas afinidades, interesses de “viagens” simultâneas; muitas vezes o aluno talentoso é que é escolhido em vez de um trabalho consciente sobre o significado da escolha de um orientador, ou disto acontecer com naturalidade. A orientação é um descobrir mutuo, um intercâmbio de encontros, uma belíssima viagem para ambas as partes. Isto me faz lembrar um trabalho de aluna que durante o processo da (T.G.I) entrou em crise (eu estava aqui na Itália, como agora) o que lhe deu possibilidade de refletir no seu tempo, não me preocupei com a possibilidade dela abandonar o curso no 4º ano, acreditava em sua busca. Lívia, assim é seu nome, foi escavando em seus guardados, memórias, encontrando-os em pequenas caixas de fósforos e dentro delas seus relicários. Com isto desencadeou-se seu T.G.I repleto de significados de sua própria história. Pesquisou o Artista Bisco e outros da HISTÓRIA DA ARTE onde encontrou identidades. Recordou-se que quando era pequena, seu avô lhe construía móveis com essas caixinhas. A aluna pegou cada uma delas e muitas outras e as trabalhou como pequenas vitrines, as pintou, forrou, fez colagens, no final eram mais de cem. Resgatou a caixa de fósforos, objeto quase em extinção, cada uma era uma obra de arte e o seu conjunto, massa colorida rítmica, volumétrica formando um grande painel. O texto apresentava a letra de uma música que para ela sintetizava o seu relicário, algumas frases poéticas sobre seu processo e um CD gravado propositalmente para o conjunto com uma seleção de gravações com significado profundo para Lívia e para nós. O painel obra plástica, resultado do trabalho de “formiga” (EROS E PSIQUE) onde o feminino se expressou na totalidade e com aquela artesanaria fundamental para a obra surgir. O texto reflexão criativa permeado de imagens de beleza plástica e sonora pelas músicas sensíveis incluídas no CD. Exemplo na pós-graduação com especialização em pintura aquarela: ao colocar a questão do claro-escuro, cor impressiva, além de Leonardo da Vinci, apresento Ugo da Carpi (do Renascimento) o qual foi o primeiro a trabalhar a xilogravura

com várias matrizes correspondentes cada uma aos valores tonais (é um exemplo de claro-escuro na gravura). Fazemos também uma reflexão sobre a importância vital para o ser humano do dia e da noite, pergunto se alguém tem experiência de vivenciar a penumbra do espaço de sua casa à noite. Eu gosto de fazer isto e quanta coisa se descobre olhando o encontro das graduações dos valores tonais. Para desencadear o trabalho peço que algum objeto que sempre tragam consigo e que gostem dele é claro (o afetivo) e que o desenhem (dou meu exemplo que carrego sempre comigo um conta-fios para ver bem de perto os sinais das gravuras). Ao desenharem peço que estejam atentos para que os limites das formas nasçam do encontro de dois valores tonais diferentes: isto difere da linha rudimento, que separa, divide, contorna. Em seguida peço que transgridam, subvertam, em outro desenho essas harmonias tonais usando a fantasia a partir dos primeiros valores tonais e apresento a tabela do contraste do claro-escuro de Johannes Itten e o seu disco cromático. Sempre partindo de formas e interesses pessoais, desenha-se a seguir rele-se e recompreende-se com a aquarela e se pinta e se passa ao conhecimento das cores contrastantes, sempre acompanhando-se com exemplos de história da Arte, montados como frisas históricas de álbuns seriados, livros de arte nos campos da pintura, gravura e escultura, com experiências minhas, de outros artistas contemporâneos, relatos dos alunos ou de exposições e paralelamente peço cadernos de artista organizados pelos alunos que tenham seus “perfis” (que se pareçam com eles), como resultado do processo vivido no Curso de Especialização com aquarela. O resultado final são monografias criativas, com características individuais tanto como formatação como em pesquisa e muitas vezes em outros campos, não da especialização em aquarela, mas no interesse e identidade do aluno, como por exemplo a da Graça Grant e Ivone Beltran. A primeira com monografia relacionada à estética sobre gravura onde analisa seis provas de estado de uma mesma imagem de um artista gravador e Ivone Beltran que realizou sua monografia expressando-se em gravura sobre o assunto

“Cristo”, constando dela também desenhos e aquarelas. Estas duas e mais umas outras quarenta monografias do curso de especialização encontram-se na Biblioteca Sofia Marchetti da FASM (Faculdade Santa Marcelina). Em 1992 escrevi um texto “Aquarela uma proposta para o século XXI” onde relaciono a caligrafia oriental, cinema, literatura, fazendo um paralelo com as “seis propostas de Italo Calvino” e a Aquarela - distribuo este texto aos alunos e peço que reflitam sobre ele, a aquarela e suas próprias vidas. Peço também que leiam “Água e Sonhos” de Gaston Bachelard.

ENTREVISTADO 8

R: A interdisciplinaridade deve se dar apenas como resultado de uma intenção artística. Não existe a possibilidade de introduzir práticas interdisciplinares se não existe a necessidade de tais práticas na construção do projeto artística pessoal.

Os cursos que ministro na pós graduação em artes são dirigidos para pessoas de diferentes atuações em artes. Tratamos de questões fundamentais para os projetos individuais, apeando seus pontos em comum e o resultado tem sido extremamente gratificante.

ENTREVISTADO 9

R: A arte deveria ser sempre estudada sem esquecer suas ramificações e diálogos com outras áreas do conhecimento. Mas há limites se queremos fundamentar um conhecimento artístico básico, que reputo indispensável. Tenho visto muitas pseudo-interdisciplinaridades apressadas, que não passam de modismos e diluições.

ENTREVISTADO 10

R: Vejo a interdisciplinaridade como fundamental no ensino de língua estrangeira, embora muito difícil de ser posta em prática por várias razões: falta de preparo por parte dos

professores, dificuldades de encontrar apoio em suas escolas, inclusive por parte dos colegas. A interdisciplinaridade só acontece com força se houver um projeto da escola. No ensino superior quase não vejo essa postura. Ministrei uma disciplina em nosso Programa de Pós-Graduação que tratou de questões de interdisciplinaridade e de possibilidades de se pôr em prática os temas transversais na sala de aula de Inglês. Alguns trabalhos interessantes resultaram desse curso, inclusive uma dissertação de Mestrado que está em fase final de elaboração.

ENTREVISTADO 11

R: A interdisciplinaridade apresentou-se na minha formação como uma realidade da área de conhecimento, dada à complexidade de como ela se constitui. Pois, trata-se de um saber que tem História, de um fazer que se situa num determinado lugar geográfico, de uma forma de produção que utiliza recursos materiais e técnicos que fazem parte de um determinado meio cultural e do desenvolvimento de atitudes de trabalho reveladoras de uma visão e de uma atuação no mundo bastante particular.

Embora, no Ensino Superior, haja uma preocupação com a formação profissional dando ênfase à especialização crescente, no caso da arte, devemos contar com a cooperação e a participação de diversos especialistas.

Atualmente, nas escolas onde ministramos aulas temos feito propostas interdisciplinares para os nossos alunos e com bastante sucesso. A seguir, o texto de apresentação de um trabalho realizado em 2001, que considero um bom exemplo dessa prática que a cada ano tem sido enriquecida.

INTRODUÇÃO

IMAGENS E POEMAS é uma produção interdisciplinar envolvendo atividades ligadas às disciplinas de EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTE I e de INFORMÁTICA. Trata-se de uma coletânea, reunindo imagens e textos, trabalhados pelos alunos do segundo ano do Curso de Pedagogia.

As imagens, como formas da linguagem visual, foram elaboradas por meio de PINTURAS utilizando tinta guache aquarelada, em exercícios poéticos de exploração dos elementos água e ar e que ao serem concluídos proporcionaram alguns desdobramentos expressivos.

O primeiro, abordando a linguagem verbal, desencadeou a composição de POEMAS, traduzindo em palavras a visão que a água e o ar tinham evocado e deixado como rastros de cores e formas nas pinturas feitas sobre o papel.

O segundo, propiciou um caminhar pelos horizontes da linguagem cênica, na formação de grupos de JOGRAL, com os alunos. A partir da reunião dos poemas, montados como uma sequência de falas e de vozes, os alunos foram articulando as marcações de movimentos e de gestos e depois apresentaram suas cenas para a própria classe.

A sensibilidade de Patrícia Passos, professora de Informática Aplicada à Educação, imediatamente alcançou a dimensão da produção de uma MÍDIA IMPRESSA como forma de documentação de todo esse processo. Passou então, como conteúdo específico da sua disciplina a usar o scanner para digitalizar as imagens e a trabalhar com programas de digitação de texto para trabalhar com os poemas. Assim, ela pôde transformar, o que poderia ficar apenas no plano dos desejos, em obra capaz de perpetuar a presença de cada um no mundo, divulgando e socializando formas de sentimento.

Cotia, junho de 2001

ENTREVISTADO 12

R: Nula, nula, nula. Os professores, todos capazes, todos competentes, não conseguem ainda perceber a linha interdisciplinar. É uma pena. Os departamentos não trabalham interdisciplinarmente. Interdisciplinar não significa juntar matéria. Interdisciplinar é o fio condutor entre vários campos de conhecimento que iluminam o seu e que te retroalimentam. Agora, você não

define interdisciplinaridade, você estabelece categorias. Tanto é que eu falei que é uma ação. Mas você não consegue definir. Talvez daqui há uns 3 ou 4 anos a gente consiga ter uma definição em construção do que vem a ser interdisciplinaridade, mas que ela não existe, ela não existe, porque cada vez que você tem professores interdisciplinares atuando, um constrói o outro constantemente e o poder vem da Universidade. Não sei que poder é esse, mas é o que ganha. Se você invade o conhecimento do outro, isso causa algum constrangimento. Ainda existe aquela visão do olho de Deus, de que sou o soberano, de que tenho todo o conhecimento, por isso que não existe interdisciplinaridade. Não existe disciplina-ridade também, longe da monodisciplina, porque mesmo ensinando código gramatical, você pode ensinar através de outros campos do conhecimento, como eu faço em fonética. Jamais ensino decorar definição. Eu vou pela música. Então canto e mostro; os alunos vêem; quando eles sentem o que estão fazendo, no sentir fazendo, eles já chegam à definição teórica, sem esforço nenhum. E quando eles sentem fazendo é só fazer para lembrar da definição, mas eu não parto da lingüística, eu parto de outros campos do conhecimento, que vem a ser, você fazendo círculo, você chega àquela definição que está no livro, aliás, muito mais completa, porque tem muito mais coisa que o livro não define. Para aprender, você precisa de uma atitude interdisciplinar. Eu sempre fui porque não me limito a um campo, eu não vejo o campo, eu não vejo a disciplina. Só que as coisas são divididas assim. Como eu não vejo níveis em escola. Acho que a divisão por nível é um negócio, assim, trágico. Porque eu já tive experiências de alunos fazendo uma atividade cultural, um teatro dentro da Cultura Inglesa, alunos que iam desde “teenagers” até “professioners”, e que no fim de seis meses de integração, de cantar, de ouvir todas aquelas lições em inglês, se reclassificavam e pulavam 4 níveis, 5 níveis em 6 meses. Então, o que é isso? São respostas que ainda procuro para mim mesmo, entende? Como ensinar, porque logicamente, estão dentro de uma, vamos dizer,

hierarquia, de uma visão, assim, bem de nível. Ainda são coisas para o futuro, mas que a gente vislumbra. A gente não vai mudar de uma hora para outra, mas já está sendo pensado também, não é? A compartimentalização, exatamente. Os departamentos são compartimentos estanques, não se dividem, “no share”. Isso é muito ruim, é um aspecto negativo. Por que? Porque é o poder outra vez, eu tenho meu feudo e aí o resto que se dane. Não, isso não é educação.

QUESTÃO 6 – As políticas educacionais neoliberais têm tido avaliações externas (provão, visitas de especialistas) como questão central. Que impacto essas políticas têm causado no ensino de sua Área?

ENTREVISTADO 1

R: O Exame Nacional de Cursos (Provão) tem afetado em parte a distribuição de conteúdos nas várias séries do curso de Letras, apenas para atender à bibliografia indicada. Em geral, já eram ministrados tais conteúdos, apenas alguns tópicos foram acrescentados e ressaltados para adequar-se às exigências do provão. Alguns alunos, por incompetência ou insegurança, vêem o Provão como oportunidade para demonstrar seu descontentamento com relação a itens do curso e fazem o famoso “boicote”, pensando estar, assim, “vingando-se” do esquema do curso com o qual não concordavam. Outros respeitam esse tipo de avaliação e procuram meios para estudar mais e alcançar bom desempenho.

ENTREVISTADO 2

R: Observo que muito pouco, porque na Área artística, ainda não tem o provão, mas percebo que os alunos estão atentos porque fica evidente que logo poderão estar sendo avaliados.

ENTREVISTADO 3

R: Posso dizer que o impacto das políticas de avaliação externa em minha área tem sido nulas: da mesma forma como não há grande valorização social ou um entendimento de que a área de artes tenha um conteúdo de conhecimento legítimo não houve sequer o desejo de iniciar avaliações como a do “provão” nos cursos de artes plásticas. Alguns dizem da impossibilidade de tal avaliação, já que seria impossível criar uma prova de pintura, outra de escultura, etc. Esse discurso parte de um entendimento equivocado de que a arte e a técnica artística seriam a mesma coisa. Outro ponto importante nos debates sobre a avaliação externa nesta área é a questão da forma como os agentes da área cultural receberiam essa informação: qual seria a importância da nota conseguida no provão por um artista plástico no seu reconhecimento pelo mercado de arte e pela crítica? A quem essa informação interessa? Aos pais, ao mercado, a sociedade?

ENTREVISTADO 4

R: Não tenho informações a respeito.

ENTREVISTADO 5

R: Não tenho dados adequados para responder esta questão.

ENTREVISTADO 6

R: No Curso de Letras da PUC/SP temos discutido a questão de forma a não vincular o curso às avaliações externas. O que nos interessa é deixar transparente a nossa proposta de formação. O que o provão exige também é avaliado em nossas instâncias acadêmicas de forma crítica. Temos mais questões em relação ao assunto do que respostas. Por exemplo: o conteúdo do provão seria a volta a conteúdo mínimo para cada uma das áreas? Há possi-

bilidade de se discutir no âmbito federal quais as relações entre os objetivos do provão e a formação do aluno ou se trata de uma verificação para a obtenção do registro profissional? O provão é uma experiência de uma determinada conjuntura (o antigo ministro) ou é algo veio para ficar? Como as universidades são convidadas a participar desse projeto federal? (A PUC/SP na área de Letras não faz parte da comissão por exemplo). Não há manifestação dos estudantes em relação a isso. Somente tivemos conhecimento do caso dos alunos do Curso de Jornalismo da PUC/SP que se recusaram a fazer o provão. As repercussões foram a avaliação negativa do MEC que nos submete a novas avaliações. Os cursos novos no mercado que “tiram A” no provão acabam se beneficiando em termos de propaganda de seus cursos – divulgação – publicidade, etc.

ENTREVISTADO 7

R: Como pessoa que busca o auto-conhecimento, tenho mantido o processo de cada aluno como critério a ser avaliado. Não tenho me deixado envolver por pressões. Aos 29 anos procurei “Jung” para melhor me conhecer, é uma porta sem retorno. Hoje tenho 61 anos.

ENTREVISTADO 8

R: A pergunta introduz uma opinião clara em relação ao assunto. Sem comentários

ENTREVISTADO 9

R: Impacto é negativo. Não tem o menor sentido avaliar um curso de Artes, que exigiria uma aproximação com as obras produzidas e os processos de trabalho, através de rápidas visitas ou avaliações quantitativas.

ENTREVISTADO 10

R: Essas políticas não atingiram o ensino de Inglês.

ENTREVISTADO 11

R: A Arte como área da cultura é ainda considerada como algo de segundo plano, não fazendo parte das necessidades fundamentais das pessoas e sem qualquer relevância nas políticas educacionais neoliberais. Acho que, por esse motivo, não tem sido avaliada pelo provão e tem merecido um olhar condescendente nas visitas de inspeção e quando elas são realizadas. Se por um lado, essa desvalorização pode ser um problema de estrutura da nossa cultura oficial, por outro pode significar um espaço aberto à realização de programas e ações realmente transformadores.

ENTREVISTADO 12

R: Bom, a LDB, que saiu, vai exigir 800 horas de Prática de Ensino, quer dizer, isso demanda da nossa faculdade, meses e meses de elaboração de um projeto novo que a contemple, não como 3+1, mas sim como uma matéria que seja, uma matéria ou atividade que leve o aluno, desde o primeiro ano, a colher subsídios para a formação de um docente melhor. Isso está sendo elaborado, inclusive participei da feitura de um outro projeto. Não sei qual dos dois vai ser. Mas, pelo menos, eu sei dos dois e vamos ver agora como vai ser... Logicamente depois de tantos estudos e tantas reuniões vai demandar alguma mudança curricular, que é necessaríssima. Tanto nas especificidades como na formação do professor acadêmica, cultural e artisticamente, tem que haver. Tem que ter onde você se desenvolve. Vai ver um filme, você não relaciona; vai ver uma ópera, não relaciona; não se esqueça que uma ópera é literatura. Quer dizer, a literatura pode ser um filme também, o teatro é literatura, sabe? Mas é a visão interdisciplinar que te dá isso e não a visão de monodisciplina. Quer dizer, a LDB abre isso muito bem, só que ela tem um erro enorme falando de repertório de coisas passadas, não existe repertório futuro, o que existe é projeção. Mas saber o que não queremos, já é uma grande coisa. É como aquela pergunta: Que professor

eu sou? Que professor eu gostaria de ser? Que professor eu odiaria ser? É a mesma coisa: Que escola eu gostaria de ter? Que escola eu estou promovendo? Que escola eu odiaria ter? Que formação eu tenho? Que formação eu gostaria de ter? Que formação eu odiaria ter? Que recursos didáticos, pedagógicos eu tenho? Que eu gostaria de ter? Que eu odiaria ter? Quer dizer, qualquer um pode ser facilmente substituído por qualquer coisa. Depende como você cria.

QUESTÃO 7 – Como você encara a proposta das teorias educacionais mais recentes de partilhar, com o aluno, a responsabilidade do professor no processo de ensino/aprendizagem, na direção do *aprender a aprender*?

ENTREVISTADO 1

R: O professor de antigamente – muitas vezes, autoritário, único detentor do saber, “dono” da aula – não tem mais espaço na sociedade atual. Até podia funcionar, nos moldes da época. O professor deve ser um debatedor, um orientador de caminhos, de leituras, deve despertar no estudante o gosto pelo estudo, pela pesquisa e, sobretudo, ser o grande interlocutor do aluno. A aula é um espaço para reflexão de ambos – docente e discente –, que podem, dependendo da situação, pesquisar juntos, buscar novos instrumentos de trabalho, novas técnicas, construir o conhecimento, aprender juntos, descobrir novidades. Entretanto, o professor não pode, com isso, diminuir a sua responsabilidade na condução do processo escolar. Depende dele, ainda, o exemplo de postura a ser seguida na pesquisa, na forma de estudar e na demonstração de que as idéias não estão fechadas, pelo contrário, precisam de continuidade sempre.

ENTREVISTADO 2

R: Encaro positivamente. Deveria ter sido sempre assim. O professor que não se atualiza,

que não faz reciclagem do conhecimento, o que se acha dono do saber, dono da verdade, está morrendo, parando de respirar, de se oxigenar. Como diz o ditado popular “O seguro morreu de velho”. Ensinar é uma troca, se aprende também ensinando, para tanto é necessário que o professor esteja sensível para isto. O professor deverá ser um facilitador e estar preparado para o que vier de novo, pois as dificuldades de aprendizagem são mais de natureza de ensino e de postura ética, onde o professor deverá mostrar sua visão de mundo e de homem como também sua bagagem cultural, moral, intelectual e emocional aberta-mente. Educação não se faz só e é também educar-se. É interação, somar e dividir experiências, conhecimento. Um conhecimento liberto do poder autoritário transpondo os limites tradicionais, onde haja estudos e especulação em busca de alcançar a verdade além das aparências. Deverá se levar em conta a liberdade de pensamento, de expressão, da dignidade humana, onde o conhecimento possa iluminar o desenvolvimento intelectual, sensível, ético e estético do homem buscando a paz e a justiça na convivência social. Assim estaremos aprendendo a aprender.

ENTREVISTADO 3

R: Creio que antes de tudo a questão do *Aprender a Aprender* passa pelo conceito de autonomia, e em nossa sociedade esse é um dado cultural. Refiro-me as representações que a população, a partir do senso comum construído pela tradição e pelos meios de comunicação dá à idéia de produção de conhecimento. Quem é que, a partir de um olhar cultural sobre o Brasil, tem o “direito” de aprender em nossa sociedade? O ato de aprender também nos leva inexoravelmente ao movimento de construir o conhecimento, o que nos leva a outra pergunta: quem é que têm o direito de produzir conhecimento novo e de valor social em nosso país? Nossos professores não estão preparados para ensinar alunos a aprender na medida em que também não sabem, ou não querem, aprender: o desejo por cursos de “reciclagem” ou por um aprendizado tecnicista sobre educação mostra bem a falta de

autonomia que esse profissional apresenta em nosso país. Na realidade, o que falta ao nosso ensino é um pouco de curiosidade!

ENTREVISTADO 4

R: Entendo que, na educação formal, a responsabilidade pelo processo ensino/aprendizagem seja, sempre, do professor/a, principalmente nos primeiros anos de escolarização. Mas, concordo inteiramente com a idéia de que o importante é aprender a aprender, considerando-se, principalmente, a velocidade com que os conhecimentos se tornam ultrapassados e a necessidade de se preparar os alunos para continuarem a aprender sozinhos, pelo resto de suas vidas.

ENTREVISTADO 5

R: No caso das artes visuais, creio que o que importa é a possibilidade de uma vivência plena da própria experiência.

ENTREVISTADO 6

R: Tenho lido muito material do Perrenoud sobre o ensino/aprendizagem voltado ao desenvolvimento de competências e habilidades. São situações-problema de ensino/aprendizagem que levam o aluno a construir seu aprendizado. O foco passa a ser o aluno como centro de seu aprendizado num processo de construção de conhecimento e não de simples receptáculo de informações. A questão principal de reflexão me parece deslocar o professor de seu eixo central como detentor de um saber (ou de saberes) levando-o a horizontalizar mais a relação com o aluno e com o processo de aprendizado. Cada um tem um papel fundamental que deve ser redefinido. Mudam-se os conceitos de conteúdo, de metodologia e de avaliação nessa perspectiva.

ENTREVISTADO 7

R: Sempre que há abertura para o encontro pessoa com pessoa há troca de experiências, há o que se aprender, tanto de uma parte como de outra. Quando estamos atentos, o ser humano é infinitamente surpreendente, juntos aprendemos a aprender.

ENTREVISTADO 8

R: Não tenho conhecimentos específicos sobre teorias educacionais.

ENTREVISTADO 9

R: Em arte, não vejo como poderia ser de outra maneira. A atitude do aluno é fundamental. Só um percurso permite uma avaliação clara, já que não existem padrões assegurando o que seria mais correto. Creio que todo o aprendizado deve ser feito na busca da realização do trabalho artístico. A seqüência dos trabalhos acaba demonstrando a construção de um pensamento visual.

ENTREVISTADO 10

R: Para mim essa proposta é fundamental para que se possa desenvolver um ensino/aprendizagem mais significativo e mais eficaz.

ENTREVISTADO 11

R: Considero os pilares da Educação para o Século XXI, da UNESCO, como uma síntese muito feliz dos propósitos formativos e informativos para a educação integral pois aprender a fazer, aprender a conhecer, aprender a viver em conjunto e aprender a ser são instâncias que a escola deve assimilar desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Aliás, na definição dos meus objetivos, tenho utilizado essa terminologia para agrupá-los quanto aos aspectos e amplitude que atingem.

ENTREVISTADO 12

R: É claro que você tem que dar autonomia para o aluno, porque ele tem que seguir o caminho dele. Depois que você ter respostas da aula de Maria Calas sobre a formação do professor, eu cheguei à conclusão que, por exemplo, 70% dessa classe estão prontos para começar um começo que não tem fim. É processo, estão prontos para atuar, para começar atuar no processo infinito de produção. E nesse sentido, *aprender a aprender* eles aprendem no próprio caminho. Isso também é um risco da própria didática, do como se faz isso, da própria metodologia de aula, que não é nada pronto, planejado. É uma prática baseada numa teoria, na prática é que elas aprendem a aprender, quer dizer, o que elas reproduzem: alguém responde com uma poesia, descobriu que é escritora. Que ótimo!

QUESTÃO 8 – Quais os pontos mais críticos nos cursos e Instituições em que atua ou que conhece? Se lhe fosse possível promover alterações, quais seriam suas prioridades?

ENTREVISTADO 1

R: A Instituição em que atuo precisa é de realizar as ações que planeja com eficácia e *rapidez*. Há setores muito desorganizados atualmente que fazem os docentes (quem sabe os alunos também) desanimarem e perderem o encanto pelo trabalho. Se ele (o trabalho) tornar-se mecânico, desmotivado e sem “graça” não frutificará e a Instituição será a grande perdedora. Já tive provas de grande perda, desnecessária, por “falta de visão” em certas atitudes. Não haveria espaço, aqui, para detalhar as situações. Falta à instituição valorizar os cursos de Licenciatura, os cursos de pós-graduação (*lato e stricto sensu*), fazer mais propaganda de tudo o que tem e produz, tomar decisões a partir da “consulta às bases”, ser mais veloz nas ações, porque a concorrência não espera. (A semes-

tralidade está parecendo um pouco prejudicial à qualidade dos cursos.) Há tempo, ainda, para ouvir os docentes e refletir sobre suas sugestões. Conheço, também, outras instituições de ensino fundamental e médio, da rede particular e da rede pública estadual, esta última da qual fui docente até recentemente. Esta, sim, não tem mais possibilidade, a curto ou a médio prazo, de melhorar. É incrível, como algumas pessoas que se dizem responsáveis e estão no comando de órgãos educacionais “não percebem” quais são/serão as conseqüências sociais de seus atos.

ENTREVISTADO 2

R: Não vejo pontos críticos significativos nos cursos e Instituições em que atuo. Estamos sempre repensando tais cursos e tentando reestruturá-los dentro do possível.

ENTREVISTADO 3

R: A área em que atuo é um campo do saber que vive sempre um paradoxo: é muito desvalorizada, notadamente em relação às ciências exatas, mas é muito cara do ponto de vista de infra-estrutura e dos materiais utilizados. Normalmente as instituições de ensino que trabalham com as artes plásticas não oferecem aos professores e alunos espaço, materiais e técnicos de ateliê em quantidade suficiente. Aulas como as de pintura requerem um espaço exclusivo onde as obras em andamento possam ser guardadas e protegidas. Salas de múltiplo uso não são adequadas para esse tipo de trabalho, portanto não há como reduzir os custos do espaço entre alunos de cursos substancialmente diferentes (artes plásticas e administração, por exemplo). Não é possível também imaginar que uma aula desse tipo seja compartilhada por um grande número de alunos já que o espaço necessário para o trabalho de arte (circulação em volta do trabalho, manipulação de materiais e afastamento suficiente para a observação da obra) seria enorme e atuação do professor seria prejudicada. Outro problema, talvez de maior importância, seja a falta de preparo do professor-

-artista plástico quanto às questões da educação. São poucos os artistas plásticos que contam com alguma especialização, mesmo que lato senso, na área de educação. É a partir daí que podemos identificar, na prática de vários professores artistas plásticos, comportamentos típicos de quem tem uma idéia pouco clara sobre o que é o processo de ensino. Preferências pessoais, falta de contexto ou de conceituação sobre os conteúdos e avaliações tendenciosas são o reflexo direto dessa desinformação e falta de reflexão do professor-artista plástico sobre o seu papel na escola. A situação da avaliação dentro dos cursos de artes plásticas é um caso exemplar: o professor, convicto de que a prática profissional é balizadora de uma nota quantitativa, transforma sua avaliação em uma crítica de arte. Muitas vezes utilizando uma linguagem hermética avalia os trabalhos escolares dos alunos como se fossem obras de arte acabadas o que na realidade não são: estes trabalhos existem apenas como estudos construídos para responder a propostas do professor e não responder questões particulares de um artista plástico maduro. A partir dessa situação não é raro encontrarmos tentativas de comparar o trabalho dos alunos, fruto em grande parte de reflexões subjetivas, na tentativa de dizer quem é o melhor ou quem é o pior artista. É uma situação angustiante.

ENTREVISTADO 4

R: Atualmente não estou mais atuando na graduação, apenas na pós-graduação. Portanto, respondo a esta pergunta considerando a época em que atuei no ensino superior. Na licenciatura em Educação Artística da Unicamp os principais problemas eram: a) a maioria dos alunos não estava interessada em ser professor/a de arte, mas em ser artista; b) não ocorria nenhum tipo de integração entre as disciplinas do currículo, principalmente entre as disciplinas da área de formação do professor (a cargo da Faculdade de Educação) e as de formação do profissional de artes plásticas (sob responsabilidade do Instituto de Artes); c) o repertório cultural dos alunos era muito pequeno (ver respostas 1 e 2); d) disciplinas

descomprometidas com a realidade das escolas; e) ensino artístico restrito aos cânones e com pouca ênfase na cultura brasileira e na arte contemporânea.

Assim, se me coubesse propor alterações proporia: a) um vestibular específico para curso de formação de professor de arte; b) um currículo centrado em projetos que promovessem a integração de diferentes áreas; c) um currículo que incentivasse o contato direto com as produções artísticas; d) maior atenção à educação escolar da educação básica; e) uma compreensão mais ampla do que seja arte.

ENTREVISTADO 5

R: Gostaria que a possibilidade de se criar um Instituto de Artes na Universidade fosse melhor considerada (no caso da Universidade de São Paulo).

ENTREVISTADO 6

R: Nos cursos – falta de integração entre as diferentes disciplinas – ausência de fóruns de discussão que tratem das questões fundamentais de cada área – temas como novas tecnologias no ensino aprendido de línguas estrangeiras, por exemplo. Isto determina uma série de questões que envolvem o processo de ensino – relação professor aluno – conteúdo – metodologia e avaliação entre outras. Na instituição – criação de comitês de discussão que tragam para a universidade o debate sobre as grandes questões da educação e que a nível institucional promovam-se mecanismos de avaliação e controle da implementação de novas políticas. Não basta dizer que concordamos com tal ou tal teoria mas sim que a instituição possa deixar transparente as mudanças que diz que promove.

ENTREVISTADO 7

R: As coordenações procuram fazer algo de novo sem perceber que devem olhar para o que

existe e funciona e que é preciso aproveitá-lo, incorporá-lo. Esquecem dos ex-alunos principalmente dos mais antigos, este é um patrimônio incrível. Eu acredito que sempre vim fazendo alterações pois convoco os ex-alunos e tento mante-los a vista, acompanhando seu trabalho. Estamos agora organizando a 1ª Quadrienal Internacional de Aquarela FASM - 2003 - S. Paulo" desde 2001 e ela acontecerá em setembro de 2003. Os projetos coletivos são prioridades pois envolvem cada um com sua obra e todos e a comunidade, cada um encontrando seu lugar de trabalho. No individual, a origem dos processos - desenho de observação e de fantasia, gravura - xilogravura e calco, pintura em seus fundamentos - modelagem na escultura e muita história da arte. Na pós-graduação, pesquisa e levantamento sobre a influência das escolas do natural napolitana e dos macchiaioli de 1800, pois os artistas paulistas de início do séc. XX têm muito a ver com eles.

ENTREVISTADO 8

R: Trabalho há cinco anos na reestruturação curricular do curso de artes plásticas do Instituto de Artes da Unicamp. No momento não tenho ainda resultados definitivos sobre as alterações.

ENTREVISTADO 9

R: O ponto mais crítico é a inserção da arte na Universidade dentro de moldes de pensamento adequados às ciências exatas. O pensamento artístico não opera por esses parâmetros, por mais que possa haver trocas e interdisciplinaridade. Muitas vezes se chega ao absurdo, e o que acaba ocorrendo, é a justificção de trabalhos artisticamente primários por um discurso fictício, mas conforme aos padrões acadêmicos adequados a outras áreas do conhecimento. Seria essa minha prioridade: reconhecer a Arte como atividade de pensamento visual, suficiente em si mesma, sem buscar justificativas externas nem sendo necessariamente acompanhada de textos. Também não seria interessante proibir ou

padronizar esta atitude. O que me parece interessante é permitir que cada trabalho artístico encontre sua melhor expressão. Muitos artistas acompanham seu fazer com textos, outros não. Mas deveríamos reconhecer que o centro é o trabalho produzido, e um texto forçado e com padrões estabelecidos pouco tem a acrescentar. Pelo contrário, torna-se prejudicial.

ENTREVISTADO 10

R: Alterações que eu promoveria, se tivesse esse poder, seriam principalmente relacionadas à necessidade de se entender os cursos de Licenciatura em termos da finalidade que têm, isto é, formar professores reflexivos, competentes em sua área específica. Não vejo a formação profissional como uma apêndice do Bacharelado. Se não é um apêndice, deve ter especificidade desde os anos iniciais do curso. Mas isso exigiria professores, na Universidade, preparados para desenvolverem esse trabalho interdisciplinarmente.

ENTREVISTADO 11

R: O ponto mais crítico, nas escolas particulares, é considerar o aluno como um cliente e a instituição como uma empresa. Nessa circunstância os propósitos educativos são completamente desvirtuados tanto na relação com o professor como na relação com o aluno. As alterações desse contexto ficam atreladas à presença ética da coordenação do curso e à relação de simpatia estabelecida entre professor e alunos.

ENTREVISTADO 12

R: Bom, o ponto mais crítico é a mesmice. No campo de língua inglesa é a mesmice. No Estado, como eu disse, é proposto um aglomerado de atividades sem significado absolutamente algum. Em escola de línguas também, uma mesmice horrorosa com algumas nuances.

Assim, de procurar conhecimento através de ações mais valoradas culturalmente. E em escolas particulares a mesma coisa. A mesmice é o código gramatical mesmo. Você não vê o aspecto formativo do professor trabalhando, quer dizer, tive uma aluna que eu observei, uma professora que eu observei, ela estava ensinando “Where do you like to spend your holiday? I’d like to spend my holiday in Bahia. What for? Why? To see, to visit the churchs’. Tudo bem. Até aí, tudo bem. “And you? Where do you like to spend your holidays? I’d like to spend holidays in Paris to visit Piramide”. Quer dizer, ela está tão preocupada em ensinar “where do you like”, que ela perde o principal, que é a interação, que é falar da Pirâmide, falar da concepção e pesquisar sobre a Pirâmide do Louvre, porque é um lugar cultural de grande prestígio, valoradíssimo.

QUESTÃO 9 – Qual sua apreciação sobre as contribuições da Informática para os cursos de sua Área? Você recorre aos recursos oferecidos pela Informática em suas atividades de docência e de pesquisa? Em caso positivo, cite alguns exemplos sobre o uso desses recursos.

ENTREVISTADO 1

R: O computador é um grande aliado em todas as áreas do conhecimento, pois a possibilidade de realizar pesquisas e de redigir – de modo organizado – os trabalhos realizados é uma grande vantagem para seus usuários. Ele pode ser usado como uma máquina produtora de conhecimento, desde que bem direcionado, desde que haja acompanhamento do docente e troca de informações quando se referir a pesquisas na Internet, por exemplo. As novas gerações serão dependentes dele e será considerado “analfabeto” o indivíduo que não souber utilizá-lo. Ressalte-se que ele é bem diferente do professor... um é máquina, outro é homem. Especificamente na área de Letras, não tenho utilizado recursos de Informática para a

docência, a não ser os já mencionados: pesquisa e redação. Há um recurso fabuloso de correção de textos (*Controlar Alterações*) que marca com outra cor as alterações, excelente para lidar com o refazimento (ou refeitura) de textos que poderia ser utilizado nas aulas de Leitura e Produção de Textos, desde que não se tornasse um trabalho a mais para o professor já tão sobrecarregado em suas atividades extra classe. Não o utilizo porque requer tempo, computadores à disposição de todos os alunos etc. Outra dificuldade: sou da geração “pré-informática”...

ENTREVISTADO 2

R: Acho a Informática necessária em nossos cursos como qualquer um dos instrumentos já existentes, como os tipos móveis, os pincéis, os lápis, as tintas, as goivas, os buris e demais, que também foram revolucionários e importantes em suas respectivas épocas. Recorro sim à Informática em minhas atividades de docência e de pesquisa. Pesquiso na Internet, digito textos e os ilustro, preparo os meus cursos e palestras em CD Rom, arquivo imagens da minha produção artística, tanto das pinturas e gravuras. Estimulo os alunos a usarem os recursos da Informática no seu processo criativo, como por exemplo, após fazerem uma edição de qualquer processo de gravura (xilogravura, gravura em metal ou litografia), escanear uma gravura e fazer interferências no computador, continuando assim o seu processo criativo. Como também fazer Infogravura.

ENTREVISTADO 3

R: A informática tem sido produtora de um profundo impacto no campo do ensino de Artes Plásticas. Mesmo quando não está fazendo parte da produção da própria obra de arte (caso da arte tecnológica) participa de forma intensa na forma como o aluno é informado sobre a produção mais atualizada neste campo. O acesso à internet tem permitido uma experiência visual sem par na história do ensino de artes plásticas:

a informação sobre o trabalho dos artistas plásticos disponível na rede tem permitido que alunos e professores ampliem muito seus horizontes de repertório, muito além do que é possível apenas utilizando-se de livros e publicações. A informação impressa em livros sobre, por exemplo, uma instalação (tipo de obra de arte que interfere no observador e no espaço de forma interativa) ou sobre uma vídeo arte nunca poderá ser mais rica do que a própria experiência visual e virtual que podemos ter via internet, já que nela contamos com muitos sites que exibem esses trabalhos de forma completa. O debate sobre a arte também se democratiza já que é muito fácil para um artista (ou qualquer pessoa) construir um site e publicar seus trabalhos, textos e reflexões para que todos possamos tomar conhecimento. Esse foi mesmo o meu caso. Quanto ao uso que faço da informática em sala de aula posso dizer que é intenso. Uma boa parte de minhas aulas é apresentada sobre reflexões de meu próprio material artístico, o que inclui a apresentação de DVDs sobre vídeo arte, consulta a sites apresentando arte interativa, e-filmes e portfólios eletrônicos. Os alunos produzem também material gráfico construído em mídia virtual (simulação de materiais convencionais de arte feita por computação gráfica) impresso nas mais diversas técnicas (transferência térmica de cera, jato de tinta sobre papel artístico, ampliação fotográfica em minilab, etc). Alunos dos últimos anos do curso também são orientados na confecção de seus próprios portfólios eletrônicos, instrumento que tem se mostrado muito eficiente na busca que este mesmo aluno deve fazer por um referencial próprio sobre seu trabalho de arte. Podemos caracterizar um portfólio eletrônico como sendo geralmente um suporte de dados (CD, DVD ou mídia magnética) construído de modo a conter a produção digitalizada do aluno e nos permitindo assim ter acesso a sua produção de forma global e organizada. É preciso frisar aqui que trabalho em uma instituição de ensino privilegiada, que conta com equipamentos de produção de vídeo, Cds e DVDs além de impressoras de alta qualidade. Apenas poucos professores utilizam esse equipamento já que é necessária uma capacitação técnica (e um pouco de curiosidade

e desejo de aprender) que a maioria dos professores não tem.

ENTREVISTADO 4

R: Acho formidável, mas ainda não tenho conhecimentos suficientes neste campo. Uso internet para comunicar-me com alunos, orientar trabalhos etc. Também uso internet para fazer pesquisa sobre determinados temas, bem como incentivo os alunos/as a fazerem o mesmo.

ENTREVISTADO 5

R: Ela é importante, principalmente, como instrumento de comunicação. Amplia o âmbito da comunicação entre pessoas. Tenho usado este recurso eventualmente.

ENTREVISTADO 6

R: Sou responsável pela coordenação de um curso que integra uma parte presencial e uma parte a distância do conteúdo. Esta experiência é desenvolvida deste 98 (a pesquisa é anterior iniciou-se em 96). Além disso, tenho um projeto em fase de aprovação sobre a preparação de um curso virtual na área do ensino do francês para os profissionais da área jurídica. Integro um grupo de pesquisa na PUC/SP sobre o ensino o uso de novas tecnologias no ensino. Me interesso sobre toda a pesquisa sobre hipertexto. Enfim, Considero o uso das novas tecnologias como um instrumento que contribui ao acesso às informações e a uma formação mais rápida e eficaz nos dias de hoje. No entanto, muitas questões em relação ao ensino aprendido através do computador devem ser questionadas e debatidas. É um recurso e não algo ao qual nos submetemos sem crítica. Há perdas e ganhos com seu uso.

ENTREVISTADO 7

R: Com relação a redação dos textos a informática revolucionou se bem que prefiro

escrever a mão pois meu pensamento assim flui. Recorro pouco aos recursos da informática.

ENTREVISTADO 8

R: A informática apresenta ferramentas apropriadas para o desenvolvimento de alguns projetos artísticos. Não substitui e nem torna obsoletas as demais ferramentas.

ENTREVISTADO 9

R: A informática se insere de maneira natural no campo das artes plásticas, somando outros recursos aos meios já existentes. Mas não é por usar um meio mais novo que o trabalho artístico ganha qualidade. Cai-se também no fetichismo da tecnologia. Creio que as poéticas individuais ou em grupo devem optar ou não pelos recursos da informática, e as posições não precisam ser fixas. Creio que o mesmo vale para os cursos. Nos meus em particular não tenho usado a informática, pela natureza desses cursos (desenho e gravura). Mas não vejo o menor problema em usar o que se tornar necessário, já que minhas disciplinas estão sempre em processo.

ENTREVISTADO 10

R: Uso os recursos básicos da Informática nas minhas pesquisas, preparação de aulas, etc. Não tenho experiência direta com ensino à distância, mas o projeto que coordeno tem um componente de formação de professores de Inglês à distância, coordenado por Heloisa Collins (hcollins@uol.com.br).

ENTREVISTADO 11

R: Desenvolvendo desde 2000 um trabalho integrado com os meus colegas de informática, essa área tem sido assimilada como mais um instrumento para a produção de imagens, não só

traduzindo para a linguagem digital o que foi construído anteriormente mas também, nesse arquivo que ficou gravado, poder fazer diversas intervenções: repetindo, recortando, alternando, enfim transformando imagens. Além da Produção de Cadernos de Imagens e Poemas, os arquivos que foram digitalizados pelos alunos puderam ser apresentados em um site que durante algum tempo foi divulgado no site da universidade na internet.

ENTREVISTADO 12

R: Muitas, muitas. Minha instituição tem um curso de extensão de inglês oral, em que há professores contratados para dar o curso, produzido pelo departamento de inglês da Universidade, cujo coordenador sou eu. Então, 2 anos estamos...é um curso de 10 níveis... nos últimos 2 níveis, estamos pretendendo já instalar e ampliar para os outros níveis, em que você faz um site, dentro de uma homepage, os alunos consultam este site, e dentro deste site tem outro site, que apresenta uma cantora que foi um marco da música negra americana. Canta, apresenta, lê um reading, aí os alunos fazem sozinhos as perguntas que vão contar, e a pergunta é: este site tem ligações com outros sites. A motivação foi tão grande desses alunos que, mais tarde, eles ouvem uma música americana, ou ouvem um depoimento, um comentário em inglês, aí já é conseguem entender e apreciar.

QUESTÃO 10 – Quais as projeções para sua Área nos próximos anos, tanto no que se refere ao desenvolvimento científico e tecnológico, quanto à formação acadêmica, considerando os grandes desafios que se apresentam à sociedade brasileira no momento atual?

ENTREVISTADO 1

R: Os conhecimentos desenvolvidos na área de Letras são fundamentais para o trabalho

com a linguagem em outros setores do conhecimento, além dos próprios da área. Pesquisadores e atuantes de diferentes setores que trabalham – direta ou indiretamente – com a linguagem necessitam conhecê-la e utilizá-la com adequação para obter sucesso profissional e para a interação em sociedade. A língua constrói e “desconstrói” significados sociais. A formação acadêmica dos alunos do ensino fundamental, médio e superior se faz com o uso adequado da linguagem, seja para ler e compreender os textos acadêmicos e o mundo, como para pesquisar, produzir conhecimento, expressar-se e agir na sociedade. O desenvolvimento científico e tecnológico não se projeta e não se deixa conhecer a não ser por meio da linguagem. O mundo é representado sobretudo pela linguagem verbal e, ultimamente, bastante pela linguagem não-verbal. O sujeito que não puder ou não souber utilizá-las para atuar como cidadão deste novo milênio, não terá espaço social dada a velocidade das inovações que se apresentam. A área de Letras tem se desenvolvido consideravelmente nas últimas décadas e aprimorado o conhecimento do discurso, da linguagem, muito além dos estudos da primeira metade do século XX. As reflexões sobre a língua e as pesquisas têm sido constantes, intensificando-se ainda mais recentemente. Houve avanços bastante grandes que terão – e já têm tido – reflexos nas formas de tratar as questões da linguagem. Essa atitude de reflexão e estudo certamente terá projeção futura e aumentará a perspectiva de produção na área.

ENTREVISTADO 2

R: Continuar trabalhando conscientemente com relação não só ao desenvolvimento científico e tecnológico, como principalmente com o humano, com o sensível e o criativo, pois sem estes elementos de nada adianta a ciência e a tecnologia para a formação do homem, para a formação de uma sociedade saudável. Uma sociedade onde o sensível faça parte e não só a materialidade seja valorizada. Onde a razão seja importante, mas sem subjugar o espírito, como já disse Paul Klee. O homem contemporâneo

deverá marcar a idade e o progresso da humanidade, devendo preservar algumas tradições e conhecimentos do passado valorizando seus predecessores pelo aprendizado que deles adquirimos, porém não se limitando ao seu juízo, permitindo-se à liberdade criadora, à liberdade crítica, aos avanços do conhecimento e tecnológico.

ENTREVISTADO 3

R: Não há dúvida que o ensino de artes plásticas encontra-se hoje em um impasse. Fica claro, do meu ponto de vista como educador, que a grande ligação que a arte brasileira desenvolveu com o mundo artístico internacional na atualidade descaracterizou a busca por uma identidade nacional tão acalentada até meados do séc. XX. Os críticos internacionais perguntam o tempo todo onde está a arte brasileira. As instituições de ensino não estão preparadas para tal demanda. Como exemplo podemos apresentar a situação das escolas que tentam de alguma forma ter um papel social ativo integrando cultura popular e universidade: de um lado existem as experiências que apenas mantêm a arte popular como forma de folclore exibindo sua produção dentro da academia de forma ilustrativa ou, de outro modo, aquelas que tentam levar a arte erudita à população de modo a fazer com que essa mude sua forma de percepção artística, ou melhor, mude de gosto. Ter um olhar cultural mais localizado e real, livre de preconceituações, sobre a arte brasileira pode mudar substancialmente a forma como nossos currículos são construídos. Uma tal mudança também poderá facilitar a aceitação irrestrita da tecnologia como um suporte interessante ao trabalho de arte. Hoje em dia, por exemplo, encontramos muitos artistas e instituições culturais e educacionais avessos a idéia do uso da computação gráfica como meio de expressão visual. Não há como negar que, dá mesma forma que a fotografia no séc. XIX, a informática tem um impacto enorme nas artes visuais, impacto esse que pode criar uma mudança de rumos sem precedente na história da arte. Que tipo de mudança será essa ainda é cedo

para saber, no entanto devemos estar imbuídos da idéia de que devemos formar um artista plástico pronto para responder a tais mudanças de maneira autônoma e verdadeira.

ENTREVISTADO 4

R: Não sei responder a esta pergunta.

ENTREVISTADO 5

R: No meu entender a escola de arte tem características bastante específicas, nem sempre fundadas no que poderíamos entender por um raciocínio lógico rigoroso e em certezas. Está sempre aberta, por outro lado, ao horizonte largo das possibilidades, da liberdade e do direito à fantasia.

ENTREVISTADO 6

R: Muita pesquisa e muita transformação – reforma curricular – compreensão e entendimento do que a LDB exige das universidades hoje – novas proposta e projetos em direção a projetos interdisciplinares. – há área do ensino, da pesquisa e da extensão

A nível institucional – muito trabalho na reorganização da universidade em direção a estruturas que favoreçam o debate e a implantação de novos mecanismos de participação efetiva de docentes e discentes

ENTREVISTADO 7

R: Com relação à pintura em aquarela está em movimento a 1ª Quadrienal Internacional de Aquarela FASM - 2003 - S.Paulo, dela constará um congresso e circuito de exposições de coleções de aquarelas. O Congresso visa a amplitude da arte sobre papel, gravura, desenho e trabalharemos por alguns anos sobre este material de pesquisa.

A prática da aquarela está associada ao desenvolvimento de altíssimo grau de sensibilidade e aumenta a percepção de valores espirituais, dando alimento e leveza à sociedade-informação. Sobre a gravura o aspecto disciplina e organização que ela requer é um item que sempre acredito que os nossos jovens precisam e com ela a questão da origem da formação do nosso acervo cultural de imagens. Esta sua história deve se tornar consciente. Sou professora de gravura calcográfica e pintura aquarela na graduação e na pós-especialização em pintura aquarela. Há 23 anos mantenho, um dia da semana, meu ateliê “Ateliê Calcográfico Iole” aberto para outros artistas, onde se discute arte além de se gravar. Espero poder ter sido de alguma valia, obrigada por terem lembrado de mim.

ENTREVISTADO 8

R: As projeções para a área de artes plásticas são extremamente negativas: poucos cursos oferecem essa opção atualmente e a tendência é de quase desaparecerem.

Trabalhamos na direção de manter essa área do conhecimento como fundamental para a formação integral do espírito humano.

ENTREVISTADO 9

R: Se não houver uma mudança conceitual como colocado na resposta à pergunta 8 não vejo possibilidades de uma mudança para melhor. Os resultados brilhantes, que existem, continuarão sendo o resultado do talento e esforços individuais.

ENTREVISTADO 10

R: Questões relativas à formação do profissional reflexivo parece que terão destaque, principalmente, no caso do Inglês, no que se refere a uma visão crítica do papel dessa língua estrangeira na formação integral do aluno, sem deixar de levar em conta questões pragmáticas necessariamente envolvidas no ensino-aprendi-

zagem dessa língua. A menor delas certamente não é a questão de capacitar indivíduos para agirem nesse mundo cada vez mais globalizado com alguma chance de participação. Seria o ensino-aprendizagem do Inglês para a inclusão dos menos favorecidos. A Informática terá cada vez um papel mais marcante.

ENTREVISTADO 11

R: Embora eu não seja dada a fazer previsões, acho que se aproveitarmos esse espaço de desinteresse, referido na questão 6, mesmo com poucos recursos, talvez algumas coisas verdadeiras ainda possam ser realizadas. A mantenedora de Cotia está interessada num Curso de Educação Artística, inexistente na região e *com uma boa demanda*. Diz que aguarda a conclusão do meu doutorado para encaminhar essa questão. Nesse sentido talvez seja uma área com possibilidade de expansão e podendo incorporar as novas tecnologias como instrumento de criação.

ENTREVISTADO 12

R: Grande, grande, só que esse desenvolvimento científico e tecnológico tem que agir sobre a sociedade. Esse desenvolvimento científico de teste, você tem pesquisas de formação de professores, onde só muda o pesquisador porque a tese é a mesma, isso não leva a absolutamente nada, por favor. Tem que curar 70% do analfabetismo nesse país. Isso tem que Ter pesquisa. Pesquisa tem que curar. Tem que apresentar alguma coisa p/ social. Se ela não apresentar para o social, pode ser na sua casa, seu bel

prazer. Ou ela apresenta ou não. E ela tem que se estender. Ela não é uma coisa para ficar na prateleira. Ela tem que se estender, se ela não se estender, se ela não cumprir sua função, "I'm very sorry". É uma mesmice também. Embora o conteúdo seja bom, de muita pesquisa, é uma mesmice. Do que pede para ser científico, não é? Aliás, o que é estilo? Então, você pergunta, essa pergunta gera muitas controvérsias e muitas convergências, não é? Porque, porque se você perguntar para todos quem eles são, vai demorar muito a resposta. Porque primeiro você precisa saber quem você mesmo é. Sem hipocrisia. Você é Pinochet ou Piaget? Pense bem, pense bem. Senão você é falso na sala de aula. Você não pode apresentar falsidade na sala de aula. Você tem que apresentar aproximações de uma verdade. Não precisa falar, que precisa apresentar verdades, que valor é o único verdadeiro. Já começa errado, porque na faculdade você forma uma força de trabalho, sai da faculdade, é economista, médico, professor, historiador, geógrafo. Você se forma para o trabalho. Então você tem que desenvolver determinadas competências que são úteis para cada ramo, né? Como diz Perrenoud formar para as competências. É exatamente isso, quer dizer, como você vai formar uma competência tendo esse tipo de currículo? Como você vai formar essa competência sem elemento cultural e artístico? Como? Só na especificidade? Muito pouco, muito pouco. O que sei como um professor de Direito ensina? Eu, como professor de Prática de Ensino? Tem professores que não sabem nenhuma prática de ensino e dão aula. Quer dizer, agora estão já existindo cursos para esses professores de formação de professores. Que tipo de aula eles apresentam? Essa é a questão que não se esgota aqui.

